

# Revista **1ª** EVOLUÇÃO

ISSN 2675-2573

Ano I - nº 2 | Mar/2020 | ISSN 2675-2573

## NENHUMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM DEVE SER PERDIDA

Ana Paula de Lima

### GRANDES NOMES DA EDUCAÇÃO

**Maria Lacerda de Moura**

Foi uma professora, escritora, anarquista e feminista brasileira.



### DESTAQUES

**Ser Professor em tempo de epidemia mundial: a reinvenção diária da sala de aula**

*Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara*

**Afinal, o que é ser diferente?**

*Profa. Ana Paula de Lima*



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

# Revista **EVOLUÇÃO**

Ano I - nº 2 Março de 2020

**Editor Responsável:**  
**Antônio R. P. Medrado**

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Isac dos Santos Pereira  
Ivete Irene dos Santos  
José Roberto Lemela  
Thais Thomaz Bovo  
Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Patrícia Tanganelli Lara  
Vilma Maria da Silva

Arlete Nogueira dos Santos Braga  
Geizibel de Cássia Caluta dos Santos  
Glaucia Borges de Paula Silva  
Gildo Ferreira Santos  
Josenilde Soares Gueiros  
Lilian Muller da Silva  
Mayara Santos Teixeira Costa  
Regina da Silva Agostinho  
Renato Souza de Oliveira Carvalho  
Roberta Islei de Oliveira Santos  
Rosemeire Santos de Deus Lopes  
Rosimeire Coutinho Alves da Silva Sousa  
Rubia Mara Requena dos Santos  
Vanderson Cristiano de Sousa

São Paulo  
2020

Edições  
**Livro Alternativo**

**Editor Responsável:**

Antônio R. P. Medrado

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima

Isac dos Santos Pereira

Ivete Irene dos Santos

José Roberto Lemela

Vilma Maria da Silva

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Profa. Me. Ivete Irene dos Santos

Profa. Me. Jaqueline Oliveira

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Me. Veneranda Rocha de

Carvalho

**Organização de coletâneas:**

Profa. Ana Paula de Lima

Prof. Isac dos Santos Pereira

Profa. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Veneranda Carvalho

Profa. Vilma Maria da Silva

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio R. P. Medrado

José Roberto Lemela

Lee Anthony Medrado

Patrícia Martins da Silva Rede

**Contatos**

Tel. (11) 9081-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

**Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.**

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Publicada por:

Edições  
**Livro Alternativo**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) e autores(as) independentes a publicarem seus escritos de forma independente e livre de imposições. Propomos trazer a público textos e autores(as) que prezam pela autonomia e independência, que escrevam sobre educação e que reportem suas pesquisas, estudos e experiências nas salas de aula.

Queremos possibilitar a esses professores/autores (conhecidos ou anônimos), a chance de terem seus escritos publicados.

O corpo editorial da revista é formado por professores, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e de profissionais do livro e da tecnologia da informação.

**PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais

com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres.

**PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras cooperativadas e coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

Incentivo a projetos de livros escritos por professores e autores independentes;

**A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais.**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. - n. 2 (mar. 2020). - São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2020.

102p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação - Periódicos. 2. Pedagogia - Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 370

Patrícia Martins da Silva Rede - Bibliotecária - CRB-8/5877

## 05 APRESENTAÇÃO

## 07 HOMENAGEM

Ana Paula de Lima

## 11

### Grandes Nomes da Educação

Maria Lacerda de Moura

## 13 REFLETINDO SOBRE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

Afinal, o que é ser diferente?

## ARTIGOS

<b>ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E A IMPORTÂNCIA DE AMBOS</b>   Arlete Nogueira dos Santos Braga e Rosimeire Coutinho Alves da Silva Sousa	15
<b>A IMPORTÂNCIA DA LEITURA</b>   Geizibel de Cássia Caluta dos Santos	23
<b>ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DEBATES CENTRAIS</b>   Glaucia Borges de Paula Silva	29
<b>LEGISLAÇÃO E ENSINO A RESPEITO DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS: HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL</b>   Gildo Ferreira Santos	41
<b>A IMPORTÂNCIA E O INCENTIVO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>   Josenilde Soares Gueiros	47
<b>A LUDICIDADE E A PSICOMOTROCIDADE PRESENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS</b>   Lilian Muller da Silva	53
<b>GESTÃO ESCOLAR: DIRETRIZES E PERSPECTIVAS PARA A GESTÃO DE PESSOAS</b>   Mayara Santos Teixeira Costa	57
<b>ALFABETIZAÇÃO DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA</b>   Regina da Silva Agostinho e Renato Souza de Oliveira Carvalho	67
<b>TEMPOS E ESPAÇOS NA PERSPECTIVA DO BRINCAR: AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PROTAGONISTAS DE SUAS AÇÕES</b>   Roberta Islei de Oliveira Santos	73
<b>MINDFULNESS E A ANSIEDADE INFANTIL</b>   Rosemeire Santos de Deus Lopes	77
<b>A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NOS PRIMEIROS ANOS DA VIDA ESCOLAR</b>   Rubia Mara Requena dos Santos	83
<b>EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: SUBSÍDIOS TEÓRICOS E PRÁTICOS PARA JOGOS E DINÂMICAS EDUCATIVAS</b>   Vanderson Cristiano de Sousa	93



## Ser Professor em tempo de epidemia mundial: a reinvenção diária da sala de aula

*Patrícia Tanganelli Lara*

A revista deste mês traz na sua capa a homenagem à querida Professora Ana Paula de Lima, que acredita nas diferentes possibilidades de aprendizagem para os alunos. Assim, esta revista apresenta a reflexão sobre a importância do professor e de suas pesquisas.

Ser Professor é aceitar o desafio diário da sala de aula, lidando com a diversidade dos seus alunos e planejando práticas e estratégias que tenham um sentido para a construção dos saberes de todos.

Diante dos acontecimentos mundiais, a sala de aula física, com carteiras e mesas tradicionais, nesses dias de epidemia mundial, não é mais o local de atuação dos professores. O professor está reinventando sua prática pedagógica, reorganizando sua

rotina e, principalmente, reestruturando todo o seu planejamento em um novo formato de trabalho.

Nesses dias, o ensino conta com a colaboração das tecnologias de informação e comunicação - TIC, encontrando parceiros, até então desconhecidos para muitos professores.

A reinvenção das práticas pedagógicas só tem sido possível, porque o professor nunca deixou de se reinventar, nunca deixou de pesquisar e atuar para a escolarização de todos os seus alunos.

Sim, o desafio tem sido muito grande!

Nesse sentido, a revista proporciona para seus leitores, estudos sobre a alfabetização e letramento, o lúdico, os tempos e



---

espaços, a educação ambiental, a gestão escolar, a legislação e ensino a respeito das questões étnico-raciais.

Esses temas suscitam a reflexão sobre a importância da educação na formação das crianças e jovens, na certeza da formação

de um cidadão crítico e reflexivo em uma sociedade em constante mudança.

O professor não está indiferente a essas mudanças!!

Boa leitura!

### **Dra. Patrícia Tanganelli Lara**

Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Doutora em Educação: História Política e Sociedade (PUC/SP) e em Educação Especial (UNESP/Marília). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Pedagógicas Inclusivas - GEPPPI no Centro Universitário

Sumaré/ São Paulo. Atualmente é docente no Centro Universitário Sumaré, atua como Professora de Atendimento Educacional Especializado na Prefeitura Municipal de São Paulo e na Escola de Aplicação da USP/SP. Desenvolve pesquisa na área de Educação, com ênfase nos seguintes temas: educação especial e inclusiva; ensino superior e fundamental; formação de professores; exclusão e inclusão escolar, cultura escolar e escola pública.

Link: <http://lattes.cnpq.br/5692324782536329>  
e-mail: [patriciatanganelli@gmail.com](mailto:patriciatanganelli@gmail.com)





## Nenhuma possibilidade de aprendizagem deve ser perdida

A educação de qualidade sempre foi seu foco... observadora e reflexiva com tantas questões percebidas e vivenciadas em ambientes educacionais, a professora Ana Paula de Lima nunca se contentou com poucas alternativas ou caminhos para se chegar a um único lugar. Buscar soluções sempre foi uma meta, mesmo porque os altos e baixos em sua vida a ensinaram muito, percebendo que pode tirar

aprendizagem de tudo e utilizar onde for necessário.

Sempre gostou muito de estudar e ler: para ela, conhecimento gera mais conhecimento, numa caminhada infinita de descobertas. Logo que concluiu o ensino médio entrou para a Universidade e iniciou as aprendizagens específicas na área da Pedagogia. Visto que já trabalhava em uma escola de

Educação Infantil, teve a experiência de viver a teoria na prática, como um laboratório de experiências a cada dia e pôde constatar o quanto as possibilidades eram infinitas, na construção do conhecimento.

Em 1999, depois de concluir o curso de Pedagogia, nas aulas que ministrava aproveitava cada oportunidade para transformar, aos seus alunos, em aprendizagens interessantes e necessárias. Sempre envolvida em desenvolver projetos motivadores, frequentava cursos para inovar sua prática, considerando que “nenhuma possibilidade de aprendizagem deve ser perdida” pois, segundo ela, o velho sempre tem o seu valor e deve ser considerada sua importância, pois foi necessário para a descoberta do novo, como uma base que também deu certo, em muitos aspectos.

Em 2008 desenvolveu um projeto com seus alunos, que se mostraram muito envolvidos com as histórias dos livros que utilizavam em sala de aula, no qual as uniam formando uma única história, que também descrevia as características e perfis dos alunos da turma, convidando-os para uma viagem muito divertida por uma leitura em que poderiam se identificar. Esse projeto foi premiado com “Menção Honrosa” no Prêmio Paulo Freire de Qualidade na Educação Municipal Paulistana, recebeu uma homenagem da Associação

## **... as práticas vivenciadas em sala de aula têm um valor enorme e que merecem ser divulgadas.**

Comercial de São Paulo, e foi condecorada com o troféu “Marco da Paz – A semente da vida” em 2009.

Ana Paula percebeu o quanto é essencial e importante divulgar suas práticas e incentiva seus colegas de trabalho

a fazerem o mesmo, pois acredita que as práticas vivenciadas em sala de aula têm um valor enorme e que merecem ser divulgadas, tanto para os próprios professores, na intenção de troca de experiências e renovação de ideias, como para toda a sociedade, pois precisam conhecer o que realmente acontece dentro dos muros de uma escola. Ela acredita que muitas pessoas, após se formarem e ingressarem no mundo do trabalho, escolhendo outras profissões, voltam para as escolas somente para levar seus filhos até o portão, idealizando as mesmas vivências que já tiveram um dia. A professora Ana Paula confirma essa questão com seus próprios conhecimentos, quando se envolve em diálogos com amigos, profissionais de outras áreas, que pouco reconhecem as capacidades e possibilidades que as crianças atuais conseguem lidar, subestimando, mesmo sem intenção, mas partindo do que já viveram no passado.

Sabe-se que, atualmente, o ambiente escolar é muito criticado em mídias e rodas de conversas de pais e que professores são alvos de críticas e



responsabilizados por várias questões que ocorrem com os alunos. Dessa forma, são sobrecarregados e cobrados por assuntos que causam reflexões inúmeras sobre a real veracidade de condições de aprendizagem e da multiplicidade dos alunos. Preocupada em mostrar a outra face, a professora Ana Paula de Lima pensou em espalhar experiências pedagógicas positivas pelo mundo com o qual se relaciona, decidiu que iria divulgar todos os projetos que realizava, para que as pessoas soubessem como a escola é rica em possibilidades de aprendizagens e respeito ao ritmo de desenvolvimento de cada um.

A professora Ana Paula afirma que cada ser humano tem a sua essência em processos de aprendizagens e recorda de uma professora que ela teve no ensino médio que, através de uma metáfora, dizia que para o relógio funcionar direito precisa de todas as peças funcionando bem, não importa se fosse um dos principais ponteiros que indica as horas ou o menor parafuso que estava em seu interior, todos precisam estar em perfeita harmonia, senão ele para de funcionar. A Ana Paula professora se utilizou de aprendizagens da Ana Paula aluna para aumentar suas percepções e conceitos criados pela Ana Paula profissional.

A Educação é assim, cresce, transforma, ajusta, adapta conteúdos, retoma, respeita e segue sempre para frente. Contudo, a professora Ana Paula passou a registrar e a divulgar seus projetos onde conseguisse espaço, em eventos, congressos, seminários, rodas de conversas e foi homenageada e premiada mais algumas vezes pelas práticas que desenvolvia. Considera que o reconhecimento e a valorização do professor é combustível que abastece em páreo com os resultados que identifica nos avanços de seus alunos, e isso, para ela, não tem preço.

...O  
**reconhecimento  
e a valorização  
do professor é  
combustível que  
abastece em  
páreo com os  
resultados que  
identifica nos  
avanços de seus  
alunos, e isso,  
para ela, não  
tem preço.**

Em 2014, entrou em um grande conflito pessoal e profissional quando se tratava de receber alunos com deficiências diversas e pensava não lidar mais com tanta qualidade em suas aulas nessas situações, decidindo, então, especializar-se em Deficiências Múltiplas, Surdocegueira e Superdotação/Altas Habilidades. Foram longos anos de estudos e pesquisas, finais de semanas e férias escolares consumidas entre leituras e análises, o que fez com que abrissem novos leques de possibilidades de aprendizagens para seus alunos.

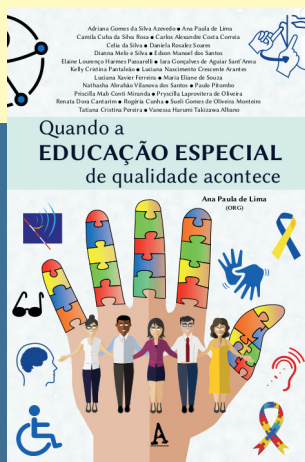
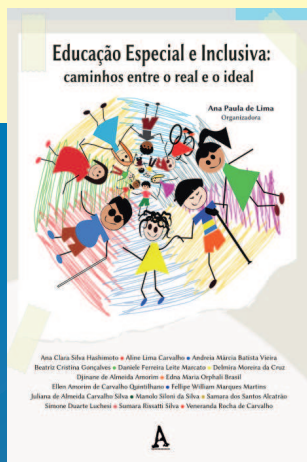
Sempre comprometida a divulgar suas práticas, a professora Ana Paula escreveu seu primeiro artigo em 2015, quando teve, segundo ela, a alegria de conhecer a equipe da Editora Livro Alternativo, que após um ano de trocas de experiências passou a fazer parte e é muito grata pela relação que construiu com esses profissionais com os quais se identificou, em especial a professora Vilma Maria da Silva e a Mestre em Educação Ivete Irene dos Santos, formando um trio de constantes trocas de experiências e divulgações das práticas e conhecimentos pedagógicos, além da amizade que construíram com tanta sintonia. Se o Universo conspirou para esse encontro não se tem resposta, mas que ele foi perfeito e acolhido por três pessoas que amam, disso tem-se certeza.

A professora Ana Paula organizou dois livros de coletâneas com artigos que tratam de inclusão escolar, escreveu, ainda, mais três artigos, nos quais divulgou suas experiências, além de prefaciá-los um dos livros de coletâ-

neas da editora, que tratava de diversos artigos na área da educação. Desde a primeira edição da Revista Evolução, escreve para uma coluna chamada “Refletindo sobre as pessoas com deficiência”, apresentando textos sobre essa realidade.

Segue contribuindo com a sua experiência e conhecimento por onde passa, trabalha e se relaciona, pois tem muito prazer em colaborar com novas aprendizagens e, principalmente, com experiências na área da Educação Especial, que considera uma temática ainda muito conflitante para toda a sociedade, mas tão essencial para a formação do ser humano que se respeita e participa de uma sociedade justa e igualitária. Continua com as práticas de cursos, ora como professora, ora como participante, pois reafirma a cada passo de sua trajetória que “nenhuma possibilidade de aprendizagem deve ser perdida” e reinventar o conhecimento é um incansável desafio.

## Livros publicados



## MARIA LACERDA DE MOURA

Maria Lacerda de Moura (Manhuaçu, 16 de maio de 1887 — Rio de Janeiro, 20 de março de 1945) foi uma professora, escritora, anarquista e feminista brasileira. Filha de pais espíritas e anticlericais, cresceu na cidade de Barbacena, no interior de Minas Gerais, onde formou-se professora pela Escola Normal Municipal de Barbacena e participou dos esforços oficiais para enfrentar a questão social através de campanhas nacionais de alfabetização e reformas educacionais.

Começou a publicar crônicas em um jornal local em 1912 e em 1918 publicou seu primeiro livro, *Em torno da educação*, constituído de crônicas e conferências que realizou em Barbacena sobre o tema. A partir daí, estabeleceu contatos com jornalistas e escritores de Belo Horizonte, São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Nesse período, conheceu José Oiticica e teve contato com as ideias pedagógicas renovadoras da médica feminista Maria Montessori e dos pedagogos anarquistas Paul Robin, Sebastien Faure e Francisco Ferrer y Guardia. Mudou-se para São Paulo em 1921, aos 34 anos, e lá teve seus contatos com o movimento associativo feminino e o movimento operário da

época. Chegou a colaborar com a feminista Bertha Lutz e presidiu a Federação Internacional Feminina. Em 1922, rompeu com os movimentos associativos feministas, fundamentalmente preocupados com o sufrágio feminino, pois entendia que a luta pelo direito de voto respondia a uma parcela muito limitada das necessidades femininas. Colaborou assiduamente com a imprensa operária e progressista de São Paulo e em 1923 lançou a revista *Renascença*.



---

Entre 1928 e 1937, viveu em uma comunidade agrícola em Guararema, no interior de São Paulo, formada por anarquistas individualistas e desertores espanhóis, franceses e italianos da Primeira Guerra Mundial. Foi o período de sua vida em que mais produziu e atuou, colaborando semanalmente no jornal O Combate de São Paulo, onde estabeleceu a polêmica de maior repercussão com a imprensa fascista local; pronunciou as conferências no Uruguai e na Argentina, a convite de instituições educacionais antifascistas; teve o encontro com Luiz Carlos Prestes, exilado em Buenos Aires; fez conferências pacifistas e desencadeou a campanha antifascista em São Paulo, Santos, Campinas e Sorocaba. A comunidade de Guararema foi desarticulada com

repressão política durante o Estado Novo. Em 1938, Maria Lacerda mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Rádio Mayrink Veiga lendo horóscopos. Faleceu em 20 de março de 1945.

Considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil, tratou em sua obra de temas como a condição feminina, amor livre, direito ao prazer sexual, divórcio, maternidade consciente, prostituição, combate ao clericalismo, ao fascismo e ao militarismo, e estabeleceu uma articulação entre o problema da emancipação feminina e a luta pela emancipação do indivíduo no capitalismo industrial. Suas posições, bastante avançadas para a época, compartilham muitos aspectos similares às das feministas da década de 1960.

**"... já não é mais de votos que precisamos e sim de derrubar o sistema hipócrita, carcomido, das representações parlamentares escolhidas pelos pseudo-representantes do povo, sob a capa mentirosa do sufrágio, uma burla como todas as burlas dos nossos sistemas governamentais, uma superstição como tantas outras superstições arcaicas."**

Maria Lacerda de Moura

Fonte: *Wikipedia*

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Lacerda\\_de\\_Moura](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Lacerda_de_Moura)



## AFINAL, O QUE É SER DIFERENTE?

**Q**uando se trata de inclusão social, percebo o quanto as pessoas se referem à pessoa com deficiência como alguém diferente. Isso me conduz a algumas reflexões... Qual é a referência considerada? O que é ser igual?

Essas, dentre outras perguntas, surgem em meus pensamentos e causam certa angústia... Reconheço que a sociedade apresenta uma história cultural de exclusão das pessoas com deficiências, mas os tempos atuais são outros e ainda há muito o que precisa ser enxergado e valorizado em cada ser humano, independente de sua condição.

Uma vez eu estava em minha sala de aula com a porta aberta e um aluno de outra sala, aparentando ter uns treze anos, entrou e me perguntou: “Professora, você sabe que eu tenho Síndrome de Down?” Eu disse que sim e ele continuou: “Vou te dizer como é ter Síndrome de Down: eu acordo todos os dias, arrumo a minha cama, tomo o meu café e vou para a escola. Às vezes ajudo a minha mãe a arrumar a casa e gosto de fazer comida junto com ela. E é só isso!” Então ele saiu e retornou para a sua sala. Eu fiquei ali parada, olhar fixo para a porta e pensando sobre qual seria a outra

resposta que eu esperava, afinal, ele estava em minha frente apenas dizendo que é um ser humano igual a todos os outros e que realiza as mesmas atividades que todas as pessoas fazem.

Dentre tantos pensamentos que surgiram, eu me perguntei por que a condição daquele aluno, que apresenta uma Síndrome, precisa estar sempre em destaque, Determinando quem ele é? Imaginei a mim mesma abordando alguém e dizendo: “Olha só, eu tenho alergia a pó, mas consigo ter uma vida normal como qualquer outra pessoa...” ou tenho uma enxaqueca crônica... ou labirintite... ou alguma outra característica que me destacasse dos demais. Será que essas condições podem me fazer ser diferente ou definir quem eu sou?

O fato é que a deficiência geralmente é declarada, visível a todos, e não há como disfarçar, como uma alergia, uma enxaqueca ou outra condição; e, sem ter como esconder, a pessoa com deficiência se torna diferente... Então, definir quem é diferente, acaba sendo uma opinião que apresenta diferentes pontos de vista. A maioria das pessoas possui alguma condição que precisa de uma atenção especial. Quem decretou que a deficiência



“visível” é que deve ter maior relevância para identificar (ou condenar) uma pessoa, se tratando dessa classificação social? Quem é diferente?

Penso que é necessário que as pessoas percebam o que as tornam IGUAIS, e não o contrário, a saber, as necessidades enquanto seres humanos, suas vontades, metas, sentimentos, desejos... Entendendo que, como cada um lida com suas condições e capacidades, se torna tão específico que não pode ser o que determina a essência de cada um.

Refletindo a respeito das perguntas apresentadas no início deste texto: é necessário que consigamos nos desfazer dos padrões, porque eles são criados para classificar e separar e, como seres humanos, é importante considerar que buscamos as mesmas oportunidades na sociedade, independen-

te das condições que cada um traz consigo, podendo, assim, desfrutar e usufruir das experiências sociais sem os rótulos que, na atualidade, não tem mais fundamentos (se é que um dia já tiveram de fato), como por exemplo: a turma dos iguais e a turma dos diferentes... Em qual você se encaixa?

Até a próxima!

Aninha



Contato:

e-mail: [professora.aninha.lima@gmail.com](mailto:professora.aninha.lima@gmail.com)

WhatsApp (11) 994707514

## A Educação Especial sob a ótica de especialistas

O mais vendido e mais celebrado de nossos livros!

Adquira em nosso site:  
[www.livroalternativo.com.br](http://www.livroalternativo.com.br)



## ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E A IMPORTÂNCIA DE AMBOS

ARLETE NOGUEIRA DOS SANTOS BRAGA

ROSIMEIRE COUTINHO ALVES DA SILVA SOUSA

### RESUMO

Esse artigo vem buscar reflexões a respeito do letramento e da alfabetização, bem como a importância de ambos. Embora a leitura e a escrita sejam necessárias, elas não são suficientes para contribuir para o progresso da sociedade como um todo. Em vez disso, devemos ir além da leitura e da escrita e em direção ao pensamento crítico. A proficiência em alfabetização autoriza os indivíduos a contribuir e participar do discurso que molda sua comunidade e o mundo. Assim, quebrar o ciclo do analfabetismo e melhorar a auto-estima é crucial para buscar oportunidades, tomar decisões informadas e ter voz nos processos legislativos; liberdades que muitas vezes tomamos como garantidas. Faz-se necessário novas práticas de ensino nas escolas, nas quais os alunos não apenas se apropriem do código, realizando leituras e escritas mecânicas, mas um ensino significativo, que permita ao aluno entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

**Palavras – Chave:** Alfabetização. Letramento. Leituras. Escritas

### INTRODUÇÃO

A alfabetização é uma habilidade fundamental que libera a aprendizagem e fornece aos indivíduos os meios para buscar conhecimento e prazer de forma independente. As habilidades de alfabetização precisam crescer e

amadurecer ao longo da vida de cada pessoa, fornecendo a cada indivíduo as habilidades de leitura, escrita e pensamento necessárias para o sucesso em situações acadêmicas, de força de trabalho e pessoais. Infelizmente para muitas pessoas, as habilidades de alfabetização nunca se

---

desenvolvem das formas necessárias. As habilidades de alfabetização insuficientes excluem muitas crianças, adolescentes e adultos de perseguirem seus objetivos acadêmicos, de carreira e de vida.

De acordo com Barbosa:

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (Barbosa, 2013, p.19).

Muitos percebem que a sala de aula da primeira infância é um substituto fraco para o mundo dos jogos, salas de bate-papo, mundos virtuais e outras mídias eletrônicas. As energias sociais e sociológicas persistem a surgir dos tipos contemporâneos de mídia, diversas culturas e idiomas, preocupações com segurança, instabilidades na ecologia global, economias não confiáveis e conflitos.

A alfabetização e o letramento devem sempre caminhar juntos, para que o processo ensino aprendizagem seja significativo, como afirma Soares:

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir

diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...]. (SOARES, 2001, p. 92)

Habilidades efetivas de alfabetização abrem as portas para mais oportunidades educacionais e de emprego, para que as pessoas possam sair da pobreza e do subemprego crônico. Em nosso mundo tecnológico cada vez mais complexo e em rápida mudança, é essencial que os indivíduos expandam continuamente seus conhecimentos e aprendam novas habilidades para acompanhar o ritmo da mudança.

---

## A ALFABETIZAÇÃO E SEUS CAMINHOS HISTÓRICOS

Difícilmente pensamos sobre o papel da escrita em nossa vida, pois ela já está enraizada em nosso cotidiano, e não nos damos conta de sua importância e no quanto ela facilitou nossas vidas.

A importância do surgimento da escrita para a história das civilizações é tão grande que é considerada como um marco fundamental do desenvolvimento. Por causa disso costuma-se chamar de Pré-História o período anterior à escrita (BRITO, 2012, p. 20).

A partir do desenvolvimento de uma nova sociedade, que deixava de ser nômade e passava a ser mais complexa, pois estava se estabelecendo em um determinado local, desenvolvendo métodos de agricultura, comércio e negociações, houve a necessidade de criar um meio de organização, no qual foi possível registrar e retomar aquele registro quando necessário. a partir dessa necessidade que surgiu a escrita.

O desenvolvimento dos métodos de agricultura e do comércio, e as distâncias entre as cidades entre as quais se estabeleciam relações de trocas, são tidos como os responsáveis pelos primeiros registros escritos, ante a necessidade de controle

administrativo, de registros contábeis e de se saber com exatidão onde se situavam os distantes pontos de abastecimento e quais as rotas a seguir para os alcançar (GOMES, 2007, p. 05).

Logo no começo dessa nova sociedade, não se fazia necessário que as pessoas mais comuns dominassem a escrita, pois seus afazeres não se lhe exigiam. Porém, conforme os séculos foram avançando, a sociedade evoluiu, adquirindo novos conhecimentos, avanços nas ciências e meios de comunicação.(TRINDADE, 2006). No Brasil, a educação ganhou destaque no final do século XIX, especialmente com a proclamação da República. As escolas assumiram um importante papel de instrumento de modernização, tornando-se o lugar para preparar as novas gerações para atender aos ideais do Estado republicanos, e assim instaurar a nova ordem política e social (MORTATTI, 2006).

Houve diversos métodos de alfabetização, pois ao longo dos anos a escola tem fracassado em seu papel de alfabetizadora, e para cada fracasso o método de ensino utilizado nessa época é considerado tradicional e substituído por outro método considerado inovador.

Mortatti (2006, p. 4-12), dividiu os métodos de ensino inicial da leitura e escrita, desde as décadas finais do século XIX, em quatro momentos:

---

A metodologia do ensino da leitura - O primeiro momento durou da segunda metade do século XIX a 1890. Para o ensino da leitura utilizavam nessa época o método sintético, que é da parte para o todo, ou seja, letras, sílabas, palavras, frases e textos. Esse método parte da ideia de ir aumentando o grau de dificuldade. A escrita era restringida a caligrafia e ortografia, e seu ensino era por meio de cópia, ditados e produção de frases isoladas. A institucionalização do método analítico - O segundo momento durou de 1896 a 1920. O ensino da leitura deveria ser do todo, para depois ir para as partes constitutivas.

Alfabetização sob medida - O terceiro momento durou de 1920 até o final da década de 1970. Foi a conciliação do método sintético com o analítico, chamado de métodos mistos ou ecléticos.

Alfabetização: construtivismo e desmetodização - De 1980 a dias atuais. O construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma revolução conceitual, que questiona a necessidade das cartilhas, as teorias e práticas tradicionais e desmetodizar o processo de alfabetização.

Percebe-se que cada novo método de alfabetização surgiu como inovador e com a função de tentar “salvar” a educação do fracasso.

## **EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA**

O construtivismo está baseado na teoria piagetiana da psicologia que estuda como as pessoas podem adquirir conhecimento e aprender. Portanto, tem aplicação direta na educação.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985, p.30):

Na teoria de Piaget, o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial. O caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são “errôneas” (no que se refere ao ponto final), porém “construtivas” (na medida em que permitem aceder a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial.

A teoria sugere que os humanos constroem conhecimento e significado a partir de suas experiências. O construtivismo não é uma pedagogia específica. Educação Construtivista, termo que surgiu com Jean Piaget (1896 - 1980) epistemólogo suíço, estudiosa da gênese do conhecimento, ocupando-se disso pelo resto da vida.



---

A teoria piagetiana da aprendizagem construtivista teve amplo impacto nas teorias da aprendizagem e nos métodos de ensino na educação e é um tema subjacente a muitos movimentos de reforma educacional.

Piaget (1982) demonstra em suas pesquisas que as crianças interpretam suas experiências nos mudos sociais e físicos, e assim, constroem seu próprio conhecimento, sua inteligência e seu código moral, ou seja, o conhecimento se dá na interação sujeito - meio, base do Construtivismo.

Para Piaget a criança é um ser ativo que desenvolve suas próprias teorias e hipóteses levantadas de acordo com a interação com o meio. Afinal, para ele, o meio influencia o cérebro e transmite-lhe informação, ao mesmo tempo, a mente humana dispõe de estruturas básicas para transformar essas informações em conhecimento.

Esta teoria vem de encontro com a proposta tradicional de ensino, segundo o próprio Piaget (1982):

Se se considera que o objetivo da educação intelectual é o de formar a inteligência mais do que mobiliar a memória, e de formar pesquisadores e não apenas eruditos, nesse caso pode-se constatar a existência de uma

carência mani-festada no ensino tradicional.

Na sala de aula, a visão construtivista da aprendizagem pode apontar para várias práticas de ensino diferentes. No sentido mais geral, geralmente significa incentivar os alunos a usar técnicas ativas (experimentos, resolução de problemas do mundo real) para criar mais conhecimento e depois refletir e conversar sobre o que estão fazendo e como sua compreensão está mudando. O professor garante que ela entenda as concepções preexistentes dos alunos e orienta a atividade para abordá-los e depois desenvolvê-los.

Os professores construtivistas incentivam os alunos a avaliar constantemente como a atividade os ajuda a obter entendimento. Ao questionar a si mesmos e suas estratégias, os alunos na sala de aula construtivista se tornam idealmente "aprendizes especializados". Isso lhes oferece ferramentas cada vez maiores para continuar aprendendo.

Em suma, aliar pensamento e ação garante a construção do conhecimento.

## **A PEDAGOGIA DO BOM SENSO - FREINET**

Freinet rompeu com as cartilhas e antigos métodos, educação que vivenciara em sua formação, devido a problemas de saúde e a necessidade que tinha de

---

uma revolução para destruir a educação de todo e qualquer doutrinamento, este ideal fica claro em sua Invariante nº 27: “A democracia de amanhã prepara-se na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas”.

Sua proposta pedagógica visa proporcionar ao aluno um trabalho que esteja relacionado à sua experiência. Parte da identificação dos interesses da criança, analisando o processo de construção de seu conhecimento. A observação é uma ferramenta de trabalho do professor. Observar o trabalho em sala de aula é o processo que leva o educador a gerenciar seu tempo e intervenção, com base na motivação da vontade do aluno de aprender.

E propôs uma pedagogia experimental, diversificando técnicas e atividades, onde, a própria criança palpava, discutia e criticava os instrumentos de aprendizagem que lhe eram propostos.

Em sua metodologia natural, recorria sempre a natureza (água, terra, planta, etc) para despertar, incentivar e motivar as crianças para que percebessem que a todo momento e lugar se tira um ensinamento, pois acreditava que se a criança não aprende é porque o ensino de alguma forma não lhe interessa.

O papel do professor, para Freinet era de grande incentivador, sensível às diferentes personalidades, podendo, assim, ajudar as crianças de diferentes formas para que cada uma construísse seus próprios alicerces para novas aprendizagens.

## **A PEDAGOGIA WALDORF**

A filosofia sustenta a Pedagogia Waldorf, a qual tem como cerne a relação professor – aluno, afinal, são os professores que representam a filosofia. Para isso, eles devem ser profundos conhecedores do desenvolvimento humano e usar o amor como base desta relação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A alfabetização é uma habilidade fundamental que libera a aprendizagem e fornece aos indivíduos os meios para buscar conhecimento e prazer de forma independente. As habilidades de alfabetização precisam crescer e amadurecer ao longo da vida de todas as pessoas, fornecendo a cada indivíduo as habilidades de leitura, escrita e pensamento necessárias para o sucesso em situações acadêmicas, de força de trabalho e pessoais. Infelizmente para muitas pessoas, as habilidades de alfabetização nunca se desenvolvem das formas necessárias. As habilidades de alfabetização insuficientes excluem muitas crianças, adolescentes e

---

adultos de perseguirem seus objetivos acadêmicos, de carreira e de vida.

Muitas vezes desprovidas de estímulo e contato com a língua escrita, perante as exigências sociais, estas crianças necessitam da escola para suprir esta necessidade, de forma a proporcionar-lhes desenvolvimento e cidadania.

As reflexões empreendidas acerca da alfabetização revelam o caráter multifacetado do processo de aquisição da leitura e da escrita, de modo que, além das habilidades específicas desenvolvidas em torno do ato de ler e escrever é necessária a compreensão dos usos sociais da escrita aos quais a alfabetização deve responder, uma vez que o domínio da tecnologia da leitura e da escrita não garante por si só o desenvolvimento de habilidades necessárias para que o sujeito obtenha êxito diante das exigências de uma sociedade letrada.

O conceito de alfabetização vem sendo gradativamente ressignificado, não se reduzindo apenas a métodos e técnicas tradicionais relacionadas ao domínio do código, mas, indica a compreensão do processo de alfabetização como um fenômeno que abrange inúmeras facetas e perspectivas de análise em torno de sua natureza e especificidade, havendo a necessidade de considerá-las a fim de desenvolver

a prática pedagógica alfabetizadora de forma competente.

Conclui-se que alfabetizar e letrar muitas vezes se confundem e se mesclam, havendo a necessidade de compreensão dos conceitos de alfabetização e de letramento, dada a especificidade de cada termo, a fim de que possamos realçar a importância de que ambos são processos distintos, porém indissociáveis.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREINET, Celestin. **Para uma Escola do Povo**. Tradução: Eduardo Brandão.- São Paulo: Martins Fontes, 1996b, p.1 - 127
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 1999.
- VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica F. de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 2000.



**Arlete Nogueira dos Santos Braga**, graduada em História pela universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL e graduanda em Pedagogia pelo ITEQ Leste, na zona leste de São Paulo. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo desde 2003.  
E-mail: [arlete.braga@yahoo.com.br](mailto:arlete.braga@yahoo.com.br)



**Rosimeire Coutinho Alves da Silva Sousa** - Graduada em Pedagogia pela FACON e em Artes Visuais pela UNIMES. Professora de Educação Infantil e Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo. Email: [rosimeirecouthino.silva@gmail.com](mailto:rosimeirecouthino.silva@gmail.com)

## A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

GEIZIBEL DE CÁSSIA CALUTA DOS SANTOS

### RESUMO

Esse artigo busca reflexões a respeito da importância da leitura. A leitura é para todo ser humano, uma porta de entrada tanto para a vida estudantil, quanto social, e deve ser oferecida ainda na infância. Deparamo-nos com a leitura em situações de necessidade, prazer, obrigação, divertimento ou apenas para passar o tempo. A leitura é combustível para o cérebro, quanto mais o abastecemos maior será o resultado em sua ativação. Há inúmeros métodos de desenvolvê-la e cada pessoa, de sua maneira individual, constata aquela que mais responde as suas necessidades lhe trazendo melhores resultados. Felizmente esse combustível é interminável, e por meio dele podemos estimular nossa memória ampliando a capacidade mental.

**Palavras-Chave:** Leitura. Necessidade. Cérebro

### INTRODUÇÃO

A leitura se faz presente de forma intensa em nossas vidas e está associada a inúmeras atividades do cotidiano humano. Encontramos a leitura em atividades simples do dia a dia: no trabalho, lazer, em rotinas cotidianas, como lista de compras, mensagens de celular, um jogo,

sinalização de trânsito, um e-mail ou num simples bilhete deixado por alguém. Podemos dizer assim que a leitura ultrapassa os limites da sala de aula e se faz presente em todo contexto da vida humana. A leitura é capaz de transformar, abrir a mente para o desconhecido trazendo assim novos conhecimentos. O ato de ler não se resume apenas em decodificar os



---

símbolos, consiste em uma série de estratégias que permitem o indivíduo compreender o que lê.

Nesse sentido, o PCN (2001, p.54) aponta que:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordar de forma a atender a essa necessidade.

Pensando dessa forma buscamos mostrar o quanto a leitura se faz presente na vida da criança e o quanto é importante e indispensável o processo da leitura desde a educação infantil. Sabendo-se que não existe receita pronta para essa difícil tarefa, é importante refletir as práticas cotidianamente, tornando-as inovadoras e atraentes aos olhos das crianças.

Vale reforçar aqui, a importância de valorizar a bagagem de aprendizados que a criança traz consigo, afinal, nenhuma aprendizagem começa do zero, a criança possui uma maneira própria de interpretar situações. Isso facilitará que na sua escolarização o professor possa determinar o caminho a ser tomado, objetivando melhores resultados.

## **A CRIANÇA E SEU RITMO PARA LEITURA**

Na atualidade é notório que um aparelho eletrônico chame mais atenção do que um livro, sendo assim é preciso rever as práticas a respeito da leitura e escrita de maneira que possa dialogar com as inúmeras informações e tecnologias que as crianças estão inseridas atualmente.

A criança precisa de conhecimentos significativos para que seu desenvolvimento na aprendizagem ocorra de forma eficiente. É muito mais interessante para ela aprender através de experiências, das quais possam ver, tocar e dominar.

Deve-se levar em consideração a singularidade de cada pessoa, respeitando seus ritmos. Cada criança tem seu tempo, para engatinhar, andar, falar, e tudo isso não pode ser apressado.

Fazer a troca do eletrônico por um livro não é uma tarefa impossível e nem fácil, devemos mostrar que o livro é tão interessante quanto o eletrônico, basta que o mesmo seja apresentado de maneira atrativa e diversificada, despertando assim a curiosidade da criança e o desejo por aprender.

Muitas crianças não possuem um ambiente que favoreça a prática da leitura em casa, e muitos têm a

---

sala de aula como único local que oferece a mesma de maneira diversificada. Pensando em reverter essa situação devemos trabalhar a leitura de maneira prazerosa, mostrando à criança os benefícios e aprendizados que a mesma pode proporcionar, fazendo assim com que a criança faça dela um hábito ao qual acabará levando para casa e conquistando ainda mais leitores.

O contato da criança com a leitura permite a ela entender, questionar, conviver e agir no mundo, conhecer novas culturas, pessoas e ideias diferentes, abrindo assim seu intelecto para o novo.

A leitura pode proporcionar uma infinidade de benefícios desde a mais tenra idade. Abramovich (1989) coloca em seu livro *Gostosuras e bobices*: “Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...” (ABRAMOVICH, 1989, p.16).

A leitura promove o desenvolvimento da criança, aprimora suas habilidades de comunicação, amplia conhecimentos, enriquece vocabulário, e as histórias em particular possibilitam sentir emoções, tristeza, raiva, irritação, medo, alegria, tranquilidade, entre outros muitos sentimentos que se pode sentir e enxergar com os olhos do imaginário. Quanto mais cedo à criança iniciar o contato com histórias orais e escritas, maiores

serão as chances da mesma ser contagiada pelo prazer que a leitura produz.

É importante que se pense num ambiente agradável e cheio de encantamentos, afinal a criança se encanta com o mágico, com o extraordinário, nada de mesmices. A leitura deve ser feita de maneira que desperte na criança a curiosidade de saber o que está por vir.

## **O CONTATO DA CRIANÇA COM O LIVRO**

contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitas pessoas pensam que se a criança não sabe ler não há a necessidade de oferecer livros a ela, e não o fazem por medo dos danos que o mesmo pode e irá sofrer, por serem muito pequenas e não terem hábitos e habilidade motora para lidar com ele, mas se não oferecermos o material por medo de danificá-lo, como aprenderão a forma correta de manuseio?

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI (BRASIL, 1998, vol.3) ressalta a importância do manuseio de materiais, de textos (livros, jornais, revistas, etc.), pelas crianças, uma vez que ao observar produções escritas a criança, vai conhecendo de forma gradativa as características formais da linguagem. Isso é visível quando

---

uma criança folheia um livro imite som e faz gestos como se estivesse lendo.

Portanto cabe ao adulto mediar essa ação. No entanto esses momentos são importantes para que desde cedo a criança aprenda manipular o livro, e através de atividades permanentes comecem a entender a forma correta e mais adequada de utilizá-lo. Precisamos desfazer a ideia de o livro ser um objeto “sagrado”, que deve ser mantido em um lugar alto da estante, a criança deve sim manuseá-lo de maneira a que possa ir se familiarizando com o mesmo, descobrindo a magia do ato de ler.

Ainda na infância a criança percebe que o livro é uma coisa boa e divertida. Ao manuseá-lo elas se interessam por suas formas, cores e figuras as quais em processos gradativos passarão a identificar e nomear.

A respeito disso Freire (1989) ressalta em seu livro:

Refiro-me a que, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através

da leitura que dele fazemos. “De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989,p. 13).

Muito antes de ser alfabetizada a criança faz o uso do livro do seu jeito, folheia e observa figuras, observa ainda o gesto e postura de outros leitores, pais, professores ou outras crianças. É percebido que a criança mesmo não alfabetizada, ela faz traduções e levantamento de hipóteses a partir do vocabulário e dos conhecimentos que já possui, fazendo uma leitura não formal. A partir daí começa o processo de aprendizagem onde se nota a existência de coisas que servem para serem lidas trazendo informações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não basta apenas o contato com o material, as crianças devem ser envolvidas em práticas que tragam significados, existe uma infinidade de maneiras de se trabalhar a leitura com a educação infantil, como por exemplo: roda de leitura, conteúdos de histórias, malas de leitura, leitura de livros, cantinhos, brincadeiras com livros, e muitas outras, as quais podem e

---

devem ser atualizadas sempre. A criança mesmo que ainda não alfabetizada é capaz de produzir textos orais, afinal ela pensa, organiza suas ideias para que o outro compreenda a mensagem que ela deseja transmitir. Esse fato fica evidente em rodas de leitura em que o professor abre espaço para que a criança mesmo não alfabetizada conte a história a sua maneira, no decorrer os colegas vão interferindo na narrativa ao perceberem que a criança (narradora) esqueceu-se de algum fato ou algum personagem, abrindo assim uma grande discussão.

Para que ocorra o processo de formação de leitores é necessário refletir sobre o desenvolvimento do professor como leitor, pois para que a criança se veja interessada no ato de ler deve ser notório o prazer e contentamento demonstrado pelo professor/mediador.

Para aguçar ainda mais a vontade por aprender a ler, devemos permitir o manuseio dos

livros. Essa prática permitirá que a criança utilize algumas estratégias de leitura, seja folheando, passando o dedo por sobre as palavras, observando e nomeando imagens, e até mesmo reproduzindo a postura do educador quando o mesmo lê para ela. A partir disso o professor pode trabalhar ainda o cuidado e o manuseio do livro, fazendo com que a criança compreenda a maneira correta de utilizá-lo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gosturas e Bobices**. Scipione, 1989.

BRASIL. **PCN – Língua Portuguesa. Ministério da Educação e do Desporto**. Brasília. 1997.

CÔCCO, Maria Fernandes e HAILER, Marco Antônio. **Didática da alfabetização: decifrar o mundo**. São Paulo: FTD, 2001. P.51-84.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.



**Geizibel de Cássia Caluta dos Santos** - Graduada em Pedagogia pela UNISA- Universidade Santo Amaro e Artes Visuais pela FACITEP – Faculdade de Ciências e Tecnologia Paulistana. Professora de Educação Infantil.





## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DEBATES CENTRAIS

GLAUCIA BORGES DE PAULA SILVA

### RESUMO

Justamente com título de Alfabetização e Letramento: Debates Centrais, este texto quer rever questões históricas deste assunto e de seus fundamentos básicos, refletindo sobre seu percurso e importância no mundo da educação. Tem o texto monográfico grande base de livros e doutrinadores a compor o método de pesquisa baseado em revisão bibliográfica, desejando melhor entender para bem aplicar os conceitos e alcances da alfabetização e letramento (objetivo geral). Justifica-se a temática pela sua importância na sociedade educacional, implicando na formação de pessoas aptas a escrever, ler, mas, fundamentalmente, interpretar textos de diversas áreas.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Alfabetização. Educação. Letramento.

### INTRODUÇÃO

O contexto educacional sempre é relevante, em todos os seus aspectos, incluindo a questão do letramento e da alfabetização. Tem tal estudo, a contribuir com os requisitos para a conclusão da graduação em Pedagogia, a finalidade central de alcançar as melhores explicações possíveis sobre o casamento entre as questões do processo de alfabetizador e do letramento -

contribuindo modestamente, deseja-se, para o desenvolvimento do pensamento crítico que tanto se objetiva atualmente quanto à formação de professores verdadeiramente conscientes quanto aos elementos relativos ao letramento e à alfabetização, estes inegavelmente importantes para a vida escolar de tantas crianças e adolescentes.

---

Textos explicativos e exploratórios compõem a presente monografia, falando sobre a relevância do estudo e aprofundamento das questões do mundo letrado, também aproveitando para se fazer um comparativo entre o que aconteceu em outros tempos e o que acontece hoje com as questões de alfabetização.

É a oportunidade de conhecer os estudiosos desse tema e de adquirir não só o conhecimento sobre as questões próprias da alfabetização e letramento, como também entender a contribuição de cada um para todo crescimento desse processo, reconhecendo a necessidade da prática educativa a buscar a total integração entre prática e teoria.

Tem-se igualmente por objetivo que haja material para o pedagogo elaborar e executar os planos de ação pedagógica que bem expressem o método de planejamento desenvolvido no campo do conhecimento do letramento e alfabetização.

Também é muito relevante que se saiba adequadamente incorporar as ações pedagógicas com diversidade cultural e cognição sobre a epistemologia genética, tema comum hoje no ambiente acadêmico e que deve cunhar seu espaço de importância, com ele devidamente reconhecido e trabalhado neste espaço.

Um educador alfabetizador deve de fato saber articular os resultados de pesquisas com as investigações práticas, almejando resignificá-la, como também desenvolver metodologia e elementos (materiais) pedagógicos que se harmonizem às distintas práticas educativas.

E como não poderia deixar de tratar esta pesquisa, analisar as atuais contribuições das mais importantes teorias educativas para que se dê a aquisição da língua escrita, dentro do espaço escolar. Além dos dizeres de escritores da atualidade, como Brandão e Rosa (2011), concentra-se o estudo, outrossim, nos ensinamentos de Emília Ferrero e Jean Piaget, estes que contribuirão muito para este trabalho de pesquisa bibliográfica, justificada pela relevância socioeducacional inerente ao estudo e ao mundo do letramento e da alfabetização.

## **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **2.1 Perspectiva Histórica**

Fora na antiga Mesopotâmia onde a escrita foi elaborada, criada. Em verdade, por volta de 3500 antes de Cristo, o povo sumério desenvolveu uma escrita denominada de escrita cuneiforme. Somente para melhor assinalar e relembrar, a Mesopotâmia situa-se dentre os rios Tigre e Eufrates, localidade em que, atualmente, situa-se a cidade de Bagdá, esta

---

que é a capital do Iraque (ARAÚJO, 2008).

Cuneiforme encontra significado, pode-se dizer, no formato cunha, ou, por outras palavras, no formato de pequenos triângulos. Usavam os sumérios placas de barro em que cunhavam tal escrita. Hodiernamente, consegue-se, com o emprego precioso de computadores e de experientes filólogos a instruí-los, decifrar esta linguagem suméria (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Desde aquela época, e mesmo antes, sinais eram utilizados para narrar fatos dos mais cotidianos, sendo que a partir do exemplo da escrita cuneiforme, a escrita foi evoluindo de modo a conter descrições e narrativas a integrar cartas, editar leis, tecer contratos etc., afora o registro da história propriamente (ARAÚJO, 2008).

Acredita-se que os escritos do povo sumério teriam realmente influenciado o surgimento de outros modos de se escrever, isto ocorrendo tanto na Pérsia, quanto no Egito (BUZATO, 2007).

Provavelmente por facilidade tecnológica da época, diga-se, na Mesopotâmia, os materiais que serviram para a escrita se tratava de pequenas placas de barro especialmente cunhadas para tal fim. Enquanto estava úmido o barro e, logo depois de seco, este era

remetido aos seus finais destinatários (BUZATO, 2007). O emprego de barro facilitava sua conservação, motivo pelo qual se encontram milhares destas escritas (fixadas em placas) até a atualidade, sendo repetidamente encontradas em muitas escavações arqueológicas (BUZATO, 2007).

No caso brasileiro, é interessante reparar que as primeiras formas de se escrever se tratavam de representações gráficas simples, com desenhos que podem hoje serem comparados com os que as crianças desenham quando iniciam seu aprendizado ou a vontade de narrar algo. Por conseguinte, a representação era bastante limitada e, com o tempo, os primeiros escribas acabaram por abandonar o sistema pictográfico constituído somente dos desenhos simplistas (CHRISTIANO et al, 2004).

Retomando, os sumérios passaram a propor valores fixos para cada símbolo gráfico (para cada letra), justamente a significar alguma coisa a ser repetida sempre do mesmo modo, implicando na criação de um padrão. Atualmente, sabe-se que eles foram capazes de desenvolver uma escrita com algo a gravitar entorno de seiscentos signos, do mesmo modo que atualmente se utiliza as letras de alfabetos pertencentes a centenas e centenas de idiomas (CHRISTIANO et al, 2004).

---

Com isso, esse povo passou a evoluir para, em termos similares, ao mesmo estágio que, em parte, a linguística e seus fenômenos acabam por se fazer existentes; é o caso da fonetização, com o emprego de signos representativos de palavras a fazer representar, por sua vez, significados e significantes dos mais diversos (BROUGÈRE, 1998).

Por exemplo, ao se aprender e ao se apreender a composição dos fonemas, por vezes são todos os falantes e os que escrevem obrigados a memorizar ou a decorar, dito de outro modo, que a letra D e a letra A compõem o fonema DA (BRANDÃO e ROSA, 2011). Do mesmo modo, as letras N e I formam a sílaba NI.

Ao se aprender a linguagem oral, de regra bem antes de se aprender as grafias e seus conjuntos propriamente, o sentido das palavras vai se formando (ARAÚJO, 2008).

Deste modo, os sumérios já haviam percebido que fonetizar faria elevar a possibilidade de se representar, no mundo, os próprios sentimentos e o próprio à volta de cada um. E, com a fonetização, o emprego de signos denotam palavras com a finalidade de outras representar, incluindo ideias abstratas, mesmo que usando sílabas com seu próprio significado, a fonética se apresentando com a lógica das similaridades, conseguindo-se perceber isso a

partir de exemplos bastante simples; Brandão e Rosa (2011) dizem do exemplo, em Língua Portuguesa, da palavra banco, esta significando local de se sentar, mas, também, de guardar dinheiro.

Destarte, os sumérios evoluíram da representação somente pictórica ou ideográfica, para denotar fonemas e concatenações várias, tendo, assim, a viabilidade de único vocábulo possua, como visto, alguns significados (BROUGÈRE, 1998).

Os antigos egípcios desenvolveram sua escrita pouco tempo após os sumérios. As elaborações egípcias continham múltiplas palavras gravadas, o que ocorria dentro das pirâmides, nas paredes; há textos que recontam a vida dos nobres, os faraós. Igualmente nesta civilização, foram empregados papiros, espécie de papel apto a ser guardado e transportado mais facilmente do que as placas sumérias (de barro) (ARAÚJO, 2008).

A fabricação dos papiros era muito semelhante à fabricação do que se tem hoje com o papel moderno, todavia, o papiro era cunhado com a flora (a planta, propriamente) de mesmo nome, esta que se desenvolvia à beira do Rio Nilo (BUZATO, 2007). Não somente os egípcios se valeram do papiro, como igualmente os antigos romanos e os gregos (BUZATO, 2007).

---

A fabricação do papel acabou por se espalhar por países como Índia, Japão e Coreia, isto ocorrendo por intermédio dos muçulmanos, finalmente alcançando a Europa em torno do século VIII, já no início da plena Idade Média (FONSECA, 2005).

Os romanos, na Roma Antiga, começaram a escrever, em parte, em peles de animais, tratadas justamente para este fim. Deste modo, os pergaminhos foram usados por diversos séculos até que o papel se popularizasse na sociedade europeia, sendo de se notar que o alfabeto romano somente três letras continha (FONSECA, 2005).

Mais tarde, os romanos criaram um estilo de escrever denominado uncial, sendo este adotado até meados do século VIII. Tem-se que o Novo Testamento foi elaborado muito a partir desta grafia fixada em múltiplos pergaminhos.

Ao longo do governo do Imperador Carlos Magno, século VIII, um monge e também pedagogo de origem inglesa, Alcuino de York, promoveu novo modo de escrever, diferenciando-se as letras minúsculas das maiúsculas (CHRISTIANO et al, 2004).

Muitos documentos passaram a ser escritos em latim, até mesmo após quinhentos anos do término do Império Romano, tendo sido o

idioma escrito e falado pelos romanos durante, ratifica-se, muito tempo (BUZATO, 2007). Com o decorrer do tempo, a forma de escrita igualmente passou por várias modificações. Ludovico Vicentino Arrighi (apud BUZATO, 2007), vale citar, foi um calígrafo que, trabalhando em Roma para o Papa, fez criar um novo modo de escrever, este inspirado nos manuscritos da época. Nascia os princípios da letra manuscrita ou cursiva, justamente pelo trabalho de Arrighi influenciado. Tipos de letras foram se multiplicando, hoje ocupando inclusive os computadores.

Atualmente, não restam dúvidas de como se escrever, não obstante de se saber que todo idioma é vivo e recebe modificações várias ao longo do tempo. Nos últimos tempos, muitas discussões sobre o conhecimento de todas as crianças sobre a escrita têm se multiplicado em demasia, com grande importância do fenômeno da alfabetização e do letramento. Muitas são as críticas da sociedade em face do que é lecionado na alfabetização das crianças, notadamente quando muitos jovens não conseguem de fato se expressar, libertando-se por intermédio de um texto escrito ou entendendo dados diversos que, escritos, expressam muitos significados (ARAÚJO, 2008).

A ausência de entendimento de crianças e jovens ao se expressar por meio de um texto



---

escrito ou mesmo de compreender o que estão lendo, darem real sentido ao texto, dando-se em boa parte em razão da progressão continuada (só para exemplificar). Todavia, a ausência de preparo de certos educadores e do comprometimento de outros tantos (até ao se elaborar materiais didáticos e mesmo o sistema todo a cobrar pelo conteúdo) tem feito com que os alunos simplesmente sejam simplesmente promovidos ano a ano sem o realmente necessário conhecimento (LEITE, 2006).

Muitas organizações sentem, inclusive, enorme dificuldade em seus processos seletivos, uma vez não encontram indivíduos que denotem a habilidade tão essencial ligada à escrita e à leitura e suas possíveis interpretações. Estudiosos, notadamente de outras áreas profissionais que não sejam Pedagogia ou Letras, têm de fato criticado ou buscado diversos culpados para a dificuldade dos alunos do país quanto à alfabetização e letramento, apontando grande dificuldade, crescente, inclusive, em se expressar (LEANDRO, 2010).

A Unesco (apud LEANDRO, 2010) mostra o Brasil como sendo uma das doze nações que concentram maior quantidade de pessoas com idade superior a de vinte anos que ainda não sabem escrever, nem escrever. Traduzindo em percentuais, 75%

dos indivíduos que moram no Brasil apresentam dificuldades muito significativas em ler e em escrever. A Unesco inclusive denuncia que o país tem 2% dos analfabetos de todo o planeta. Evidentemente, responsabilizar determinado governo, ou colocar a culpa na história, certamente não ajuda a solucionar o problema. É preciso encontrar modos de solucionar esta problemática e atingir a tão almejada qualidade de ensino. Todavia, é necessário rememorar que a educação é pela sociedade construída, a depender de contextos econômico, sociopolítico, histórico e cultural. Deve-se também rememorar que as barreiras cognitivas acabam por impedir o avanço da sociedade, notadamente das camadas mais sensíveis (pobres) da população.

Seja a linguagem escrita, seja a linguagem falada, esta pode se mostrar como grande barreira, ainda que sutil ou invisível para muitos, a cercear o ganho de cidadania por parte dos indivíduos (LEITE, 2006). Lembra-se aqui que, crescentemente existe a imperiosa necessidade de se adquirir leitura e escrita consistente para que os indivíduos se apropriem do uso pleno, exemplifica-se, dos computadores (LEITE, 2006). Pois que quando uma pessoa não consegue compreender o código linguístico praticado, já que nitidamente há maiores dificuldades de se socializar, pois este se sente constrangido e por vezes do mundo excluído.

---

Atualmente, ponderam Brandão e Rosa (2011), quase tudo detém grande parcela de tecnologia e, ao acessá-la, é cogente ler, interpretar e executar corretamente o que é pedido. Deste modo, se o cidadão não domina determinado código linguístico, a acessibilidade a direitos e a deveres (e a tantas oportunidades), fica evidentemente limitada. Historicamente, a educação no Brasil se mostrou como algo elitista, ainda assim em parte permanecendo, conquanto é preciso expor de modo gritante que, atualmente, a educação é a todos ofertada, universalmente ofertada (BRANDÃO e ROSA, 2011).

## **2.2 Alfabetização, Letramento e Contexto Atual**

Agora, um pequeno recorte da realidade. Como sugere Buzato (2007, p. 61), “recorte da realidade é quando se escolhe somente alguns elementos que são importantes para a compreensão daquilo que se está falando”.

Nota-se que os instrumentos fundamentalmente reconhecidamente para a inserção da criança e dos jovens na cultura letrada da sociedade podem ser pautados por questionamentos que remetem à reflexão acerca da realidade da alfabetização dos brasileiros, isto valendo de todos os brasileiros (SOARES, 2002).

Tais questões fazem referência aos conhecimentos que as crianças e os jovens adquirem

em seu agir social, e, igualmente, acerca do modo como os indivíduos utilizam desses conhecimentos para reforçar o que já é existente ou pela educação transformado, isto de modo a proporcionar melhores condições para todos (SOARES, 2002).

O que seria, enfim, uma pessoa alfabetizada? Em que momento poder-se-ia dizer que um indivíduo está alfabetizado? E quais deveriam ser os processos didáticos ou as melhores práticas educacionais no rumo da alfabetização e do letramento? (BUZATO, 2007).

Quando são alfabetizadas crianças, acaba-se por se deparar com situações inusitadas. Alguns infantes acabam copiando textos com uma letra caprichada, bonita, mas não têm capacidade de exatamente ler o que escrevem, o que é muito grave. Muitas leem, mas não detêm, de fato, a capacidade de bem escrever. Há, outrossim, aquelas que conseguem reproduzir, recitando, as letras do alfabeto, mas não conseguem de fato produzir um texto, sequer conseguindo ler corretamente (SOARES, 2002).

“Talvez o maior problema, cada vez mais identificado, é que, mesmo após de alfabetizadas, a maior parte dos indivíduos não consegue compreender realmente o que está escrito no texto” (CÂMARA JR., 1989, p. 83).

---

Vários equívocos acabam sendo cometidos ao longo dos anos iniciais da criança em seu período de formação escolar. Um deles é, inegavelmente, pressupor que a aprendizagem é ao mesmo tempo feita e do mesmo modo para todas as crianças. O fato de o educador ensinar, apresentar estratégias atualizadas, atividades recreativas de conteúdos, indubitavelmente, não significará que tal aluno aprendeu. O professor acaba por deter um papel elevadamente considerável na alfabetização, mas não é somente o único ator de tal processo. A criança carrega consigo experiências e modos de pensar com hipóteses diversas acerca da realidade (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Há de se ponderar que não se trata de indivíduos vazios à espera que se coloque pensamentos e impressões de modo automatizado em sua mente. Isto porque cada criança tem uma história: ela se insere em um contexto familiar e social em que ela traz para dentro das salas de aula suas próprias impressões e experiências vivenciadas com sua própria família.

Assim sendo, cabe ao professor comumente refletir sobre a origem de seu alunado (CÂMARA JR., 1989). Assim, é cogente promover a seguinte pergunta: será que ler e escrever seriam somente ajuntamentos de letras? Será que a correspondência dada entre fonemas e grafemas pode

permanecer sendo, para muitos, algo de somenos importância? Ou tem-se de realizar cópias e mais cópias descrever as letras até o momento em que estas sejam memorizadas? Nota-se, já em resposta, que o que garante a alfabetização é justamente a real transferência dos conteúdos escolares de modo o mais autêntico e inteligível possível — ousa-se debater.

Conquanto não existam receitas prontas, ou fórmulas para o sucesso a serem implementadas em razão da grande realidade mundial e brasileira, Muito precisa ser feito para inovar nos processos de alfabetização e letramento. Os professores teriam a possibilidade de elevar o sucesso de sua árdua tarefa em face de sua clientela, caso houvesse investimentos de tempo e dinheiro (e boa vontade) por parte dos gestores educacionais, vez que estes, por vezes, mais atrapalham do que auxiliam o professor na tarefa da decodificação da língua escrita e da codificação da língua escrita, completando o fluxo de ler e escrever (LEITE, 2006).

Entretanto, apenas adquirir não é o bastante, é obrigatório dela se apropriar. Isso significa lançar mão das práticas sociais de escrita e leitura, concatenando-as e dissociando as práticas próprias de interação oral a depender de cada ocasião percebida (BROUGÈRE, 1998).

---

Falando de outro modo, não satisfaz, não é o bastante, afirmar que uma criança sabe de fato ler palavras, ela carece de entender, no limite do que for possível, respeitando suas condições temporais, o contexto do que está escrito, registrado (LEITE, 2006).

Isso significa afirmar que não basta um infante ser alfabetizado, ele precisa se tornar letrado em bases muito consistentes, precisa saber, de modo concatenado,

dar significado ao que tem de escrito à sua frente, sendo capaz de compreender vários textos e de diversas fontes produzidas.

Letramento, vale lembrar, é a “capacidade de fazer a adequada utilização da escrita e da leitura empregadas socialmente, conjugando-as com as correspondentes práticas orais” (BROUGÈRE, 1998, p. 42).

O conceito de letramento tolera a identificação da concepção do idioma a guiar as atividades da escola nos primeiros anos do denominado Ensino Fundamental, novamente sendo relevante seu estudo, mas, mais do que isto, toda sorte de processos hábeis a valorizar e a prover o letramento, ratificado como a habilidade de ler e compreender o que está sendo lido (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Não é possível apenas considerar a língua apenasmente como um instrumento de

transmissão de diversas mensagens — o veículo de comunicação intermédio do qual alguma pessoa que compreende diz ou tece uma escrita para quem deve, no limite de um mínimo, compreender o que vê ou aquilo que ouve. A instituição escolar precisa ponderar a língua como um relevante e inafastável processo de interação dentre os sujeitos construtores de tantos sentidos e significados possíveis (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Deve-se entender que os significados e sentidos se constituem conforme as relações que cada um com a língua se mantém, com o assunto sobre o qual se fala ou se escreve, vê ou ouve, exatamente a partir de seus conhecimentos prévios, conceitos e atitudes, segundo a situação característica em que interagem e, também, a contextualização social em que se dá a comunicação (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Portanto, muitas são as operações que o indivíduo faz para poder compreender tanto o que está sendo expressado, quanto o que está sendo transcrito.

## **CONCLUSÃO**

A alfabetização exige habilidade, conhecimento e competência para dar mínimas condições às crianças de erigir seus conhecimentos. O professor não pode exclusivamente fazer a transmissão do que vem a ser o

---

alfabeto, do mero agrupar de letras e palavras, não se preocupando com as nobres e muito relevantes funções da escrita, ou sem possibilitar o correto emprego da linguagem pela criança formulada.

As teorias pedagógicas, as pesquisas e as investigações científicas dão suporte ao professor no planejamento e também na atuação adequada sala de aula, quando o ajudam a reconhecer as crianças, como realmente ou supostamente pensam e suas hipóteses dadas na tentativa de decidir sobre seus conflitos dos mais diversificados.

Com o conhecimento científico havido na área educacional, o profissional do magistério detém condições de elaborar aulas de modo a chamar a atenção do alunado com propostas significativas, como com o uso de jogos e atividades que suscitem no aluno o pensar e o reformular de suas hipóteses. Não se pode ignorar o papel do professor em ser o mediador e igualmente o organizador da ação educativa, das construções e das reconstruções dos conhecimentos de seu corpo discente em sala de aula. Afora tais pensadores ao longo deste texto examinados, nas últimas duas décadas há outros termos a gerar inconstância nas práticas pedagógicas quando o assunto é alfabetização, o que o faz com grande razão. Cuida-se do chamado letramento, este definido como possibilidades sociais de emprego

da escrita, completamente visto como sistema simbólico que se dá em contextos específicos e que, em última análise, expressa a capacidade de se compreender textos diversos. A vivência escolar, se utilizada como parâmetro de prática social conforme os pequenos alunos alfabetizam-se, precisam desenvolver ambas estas habilidades, a escrita e o saber ler adequadamente para, enfim, integrar-se com maior completude em face da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. **Letramento: conceitos e pré-conceitos**. 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Recife, UFPE, 2008.

BAGNO, M. **Língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 2000.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (orgs.). **Ler e escrever na educação infantil – Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. in KISHIMOTO, T.M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BUZATO, Marcelo E. K. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. Tese de doutorado em Linguística Aplicada, Campinas (SP), UNICAMP, 2007.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CHRISTIANO, M. E. A; SILVA, R. S.; HORA, D. (orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Ideia, 2004.



- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERNANDÉZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.
- FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FONSECA, V. DA. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artemed. 2005.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- KATO, Mary A. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: 2001.
- KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 1999.
- LEANDRO, José Carlos. **Letramento: novos olhares, novas práticas**. 3º Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais, Recife: UFPE, 2010.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MENDES, Jackeline Rodrigues. **Práticas de numeramento-letramento: Letramento na escola**. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- OLIVEIRA, Yves; DANTAS, Marta Kohl de. **Teorias psicogenéticas em discussão**. 11ª ed. São Paulo: Summus, 2002.
- SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (orgs). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVA, Chris Alves da; BRASIL, WERANICE, M.B.; MELLO, Nina Cláudia. **Letramento digital: construindo o uso social das tecnologias de informação e comunicação na educação infantil**. Revista Diálogos, Vol. 11, 2009.
- SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura de escrita: letramento**. Brasília: Revista Educ. Soc., vol. 23, 20



**Glaucia Borges de Paula Silva** - Graduada em pedagogia pelo Centro universitário Assunção e em História pelo Centro universitário de Jales. Atuou em diversas áreas da educação deste 2003 como Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Rede particular de 2008 à 2015. Professora de Ensino fundamental I na Rede Estadual de São Paulo de 2013 a 2017 e também professora de Ensino fundamental I na Prefeitura de São Paulo desde 2015.



## LEGISLAÇÃO E ENSINO A RESPEITO DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS: HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL

GILDO FERREIRA SANTOS

### RESUMO

A questão do negro nas escolas, geralmente está associada a discussões referentes ao regime escravocrata que ocorreu em alguns países, incluindo o Brasil, até o final do século XIX. A condição que a sociedade impunha aos negros na sociedade os remetia a posições muito fortes de subalternidade. Com o fim da escravidão, várias foram as lutas de grupos afrodescendentes por condições de vida mais dignas e o combate à discriminação e ao racismo. Por isso, cabe à escola hoje trabalhar essas questões a fim de que ocorra o reconhecimento de suas identidades culturais. Por isso, o presente artigo trás entre outras discussões, as políticas de ação afirmativas voltadas para a população negra, como é o caso da Lei nº 10.639/03 que incluiu a questão e as relações raciais nos currículos escolares.

**Palavras-chave:** Legislação. Cultura Negra. Questão Racial.

### INTRODUÇÃO

O presente ensaio discute o ensino de História sobre a perspectiva da Cultura Negra bem como a legislação pertinente a esse tema em específico.

As políticas de ação afirmativa voltadas para a população negra vêm sendo incorporadas por diferentes países

e setores da sociedade. Elas trazem questionamentos sobre o discurso e as práticas eurocêntricas, homogeneizadoras e monoculturais dos processos sociais e educativos e trazem a tona questões relacionadas às relações étnico-raciais (BARBOSA, 2011).

Em especial, a Lei nº 10.639/03 refere-se ao ensino das questões étnico-raciais no currículo,

---

encontrando-se uma crescente produção acadêmica a respeito do tema em questão.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), a educação étnico-racial impõe aprendizagens entre diferentes raças e a troca de conhecimentos, a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Candau (2010) discute que na perspectiva da educação intercultural, podem-se citar algumas contribuições provenientes dos grupos e movimentos negros como: a denúncia de discriminação racial, o combate à ideologia da mestiçagem e da “democracia racial” ligada às questões sociais e raciais presentes entre diferentes grupos nas sociedades latino-americanas.

Sendo assim, cabe à escola trabalhar as diferentes questões a fim de que ocorra o reconhecimento de suas identidades culturais. O presente artigo trás entre outras discussões, as políticas de ação afirmativas voltadas para a população negra, a exemplo da Lei nº 10.639/03 que trás as relações étnico-raciais nos currículos escolares.

## **LEGISLAÇÃO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Dentre outros países, o Brasil em especial, foi marcado por um regime escravocrata onde

predominava o pensamento eurocêntrico (Silva, 2007). Após o término desse longo regime, em que negros eram trazidos da África para trabalharem como escravos em condições precárias, e a fim de minimizar os erros cometidos no passado, a sociedade passou a discutir sobre as questões étnico-raciais. Em especial, o Conselho Nacional de Educação (CNE) trouxe uma modificação para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), através da Lei nº 10.639/03.

Na sequência, o Parecer CNE/CP 003/04 trouxe as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”, incluindo no currículo a obrigatoriedade deste tema em todas as escolas do país.

O artigo 79-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/96, instituiu também a inclusão do dia 20 de novembro, como Dia da Consciência Negra.

Em especial, na Cidade de São Paulo, a Prefeitura trouxe o documento “Orientações Curriculares Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial” (SÃO PAULO, 2008), da Prefeitura da Cidade de São Paulo junto ao Conselho Nacional de Educação (CNE) indicando o trabalho voltado para as questões étnico-raciais:

---

[...] A necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação das relações étnico-raciais positivas a que tais conteúdos devem conduzir (Parecer CNE nº 003/2004, p.1-2).

Ou seja, para Verrangia e Silva (2010), a legislação promulgada voltada para o âmbito educacional trouxe discussões e orientações específicas a fim de que ocorram aprendizagens significativas, bem como a troca de experiências, a quebra de paradigmas e diferentes projetos que envolvam a todos os educandos, a fim de desenvolver o respeito, a equidade, o conhecimento, a valorização da cultura africana. A escola, portanto, é fundamental neste processo e para isso, as histórias africana e afro-brasileira precisam ser trabalhadas de forma a valorizar a cultura e não como são repassadas até os dias de hoje, “supervalorizando” a escravidão.

## **O ENSINO DE HISTÓRIA E A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA**

Questões como racismo, desrespeito e discriminação, ainda ocorrem em diferentes situações na sociedade atual, e por isso, a necessidade das escolas em

discutir temáticas referentes ao tema a fim de contribuir para o conhecimento do indivíduo enquanto sua história social, cultural e política, conhecendo mais sobre sua origem, e aprendendo a se valorizar e a valorizar o outro.

A escola, neste caso, apresenta um papel fundamental nesse processo. De acordo com Silva et al. (2018), primeiramente porque o espaço favorece a interação entre crianças de origens e níveis socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes. Em segundo, porque a escola é um ambiente propício para o ensino de regras de espaço público para o convívio democrático e o respeito às diferenças. Em terceiro, porque a escola apresenta conhecimentos sistematizados sobre o país e o mundo: “[...] e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno das questões sociais” (BRASIL, PCN, 2007, p. 23-24).

De acordo com a legislação, a relevância desses conteúdos não é apenas o de cumprir com uma política pública que pretende reparar os danos causados aos afro-brasileiros por anos de injustiça, marginalização e desrespeito a que foram submetidos, mas sim a de inserir esses povos e suas histórias contextualizando política, educação e socialização: “Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização

---

da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira” (BRASIL, 2013, p. 499).

A implementação da Lei nº 10.639/2003 surgiu como uma tentativa de reparar os danos, as injustiças e a marginalização que acompanham o povo negro e seus descendentes desde sua chegada ao território brasileiro. Assim, a lei configura uma política afirmativa, fruto da luta dos movimentos sociais na tentativa de inserir essa nação em seus direitos e fala. O movimento negro tem realizado um resgate ao reconhecimento da cultura africana e suas contribuições no país, sua crítica à sociedade de consumo e da erotização, como a polifonia erótica aos orixás e tendo a expressão musical e corporal mais que superestruturada (ABRAMOVAY, 2006).

A escola nesse caso, portanto, apresenta um importante papel contribuindo assim para uma educação igualitária, de modo que esta área não pode se ausentar da responsabilidade de lutar por uma educação que seja além de inclusiva, transformadora de pensamentos e comportamentos. Para isso, é necessário que a escola desfaça a mentalidade racista e discriminatória que dura há séculos, a fim de superar o etnocentrismo europeu e valorizar as relações étnico-raciais e sociais, desalienando os processos pedagógicos (BRASIL, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a literatura, para que a Cultura Africana e Afro-brasileira seja valorizada é necessário que a escola contribua não só para uma formação cultural, mas também social. Sabemos que são inúmeros os desafios, principalmente da forma que a história dos negros é contada, pois, normalmente as discussões supervalorizam a escravidão.

Outra questão a ser discutida é que a Lei nº 10.639/03 que apresenta as Diretrizes Curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, esquece-se da formação continuada já que poucas instituições ofertam cursos voltados para essa área, deixando os docentes influenciarem suas aulas, muitas vezes, com suas próprias concepções.

Por fim, conclui-se no presente artigo que o que temos é a certeza de que muito ainda deve ser feito para transformar de maneira positiva a imagem do negro nas aulas de História e em outras disciplinas, como também nos livros didáticos, para o desenvolvimento de atividades relacionadas às questões étnico-raciais. Na educação, a valorização e o respeito à cultura negra é fundamental para formar cidadãos que construam um país mais justo e igualitário.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; Mary, G. **Relações Raciais na Escola: Reprodução de Desigualdades em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf> Acesso em 15 mar. 2019.

BARBOSA, L.M.A. (Org.). **Relações Étnico-Raciais em Contexto Escolar: fundamentos, representações e ações**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. 71 p.

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL (1996), **LDB – Lei 9.394/96**. Estabelece Leis, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília, MEC, vol. 10, 1997.

CANDAU, V.M. Formação continuada de professores/as: questões e buscas atuais. In: **Educação: temas em debate/ organização Vera Maria Candau, Susana Beatriz Sacavino**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

Verrangia, D.; Silva, P.B.G. **Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.3, p. 705-718, set./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 234/06, de 05 de setembro de 2006**. Estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica do Sistema Estadual de Ensino.

\_\_\_\_\_. Conselho Estadual de Educação. **Resolução nº 204/06, de 10 de outubro de 2006**. Orienta sobre a educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.



**Gildo Ferreira Santos** - Historiador, graduado pela Universidade Guarulhos. Pedagogo pela Universidade Metropolitana de Santos. Especialização em História pela Escola de Formação de Professores do Estado de São Paulo. Professor de História e Ensino Religioso dos Ensinos Fundamental e Médio e Professor Coordenador Pedagógico da Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Professor de Ensino Fundamental II e Médio de História no Município de São Paulo. Empresário e Diretor Administrativo na empresa Gildo Santos Treinamentos.



## A IMPORTÂNCIA E O INCENTIVO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOSENILDE SOARES GUEIROS

### RESUMO

O objetivo desse artigo analisar o trabalho realizado para incentivar a leitura dos alunos das séries iniciais, e as contribuições para o processo de alfabetização e letramento. Os resultados da pesquisa indicam que formar bons leitores, o processo deve ter início antes da alfabetização, da decifração de códigos, no universo das letras, mesmo sem compreendê-las, que se estende por toda vida escolar.

**Palavras-chave:** Leitura. educação infantil. alfabetização e letramento

### INTRODUÇÃO

Entendendo que a leitura é de cunho social, fundamental para o desenvolvimento da criança e, que durante seu processo de construção torne-se um indivíduo reflexivo, crítico sobre os acontecimentos que permeiam a realidade em que vive, é que optei por pesquisar esse tema. Sobretudo, o incentivo à leitura que as crianças devem ter desde a mais tenra idade, tornando este um elo facilitador no processo ensino aprendizagem concomitantemente ao de alfabetização e letramento para

assim formar e tornar alunos da educação infantil em leitores assíduos no futuro.

Zilberman (2005) nos esclarece que, “Livros lidos na infância, permanecem na memória do adolescente e do adulto, são responsáveis por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar”. E esse prazer, muito provavelmente, os leva a outras leituras. A criança volta ao livro infantil sequioso por “recuperar” aquele primeiro momento: o do prazer e a magia exercida pelos textos lidos naquela fase da vida. Ainda a autora diz que o fato da

---

criança não saber decifrar as palavras impressas no livro, não impede que pertençam ao mundo da leitura. “Essa é a condição da criança contemporânea, imersa desde cedo no universo da leitura”. (ZILBERMAM, 2005, p. 9)

Nesse enfoque a literatura infantil é relevante nesse processo de formação crítica do sujeito, sendo assim, o hábito à leitura é compreender que a mesma é veículo de informação e formação intelectual do aluno no seu entendimento de mundo. Cunha (1995) enfatiza a importância do incentivo à leitura de forma prazerosa para a criança, tendo em vista o professor como mediador. Pois, professores leitores também são espelhos e exemplos para as crianças, garantindo a qualidade do aprendizado, numa interdisciplinaridade, buscando fomentar essa necessidade de alfabetizar e letrar no processo ensino aprendizagem.

Kramer (2005) concorda, quando faz uma reflexão sobre o professor que não se torna leitor não será capaz de fazer com que a criança tenha gosto pela leitura. O que nos leva a entender que é difícil ensinar aquilo que não se faz; logo, o professor que não lê, não sabe ensinar a ler.

Quando uma criança lê uma história, ela infere o conteúdo a partir de um desenho. Suas atitudes de postura, como pegar um livro, pequenos gestos de

folhar, olhar etc. é uma imitação do ato do adulto (...). Para que isso ocorra, será necessário que antes ela presencie atos de leitura, que tenha tido leitores à sua disposição que lhe tenham lido histórias. Ou seja, que tenham exemplos aos qual imitar. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999)

Nesse sentido, Richard Bamberger (2004) traz sua contribuição para o leitor iniciante, a fim de compreender seus interesses e descobrir motivações para o hábito da leitura no dia a dia. Para tanto, sabemos que para que a criança adquira conhecimentos, não basta apenas ouvir, pois ela interpreta o que ouve, o que visualiza, o que toca e, reflete a partir do que já conhece. Por esse motivo deve estar em contato com vários gêneros de leitura, para que assimilem e tentem descobrir o que está escrito, corroborando para o processo de aprendizagem no ciclo de alfabetização.

Nesse contexto, esse artigo apresenta o seguinte questionamento: o que deveria ser feito para que os alunos das séries iniciais sejam incentivados a leitura, contribuindo para o processo de alfabetização e letramento?

tem por objetivo, valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e o incentivo à permanência ao hábito da mesma, desde a educação infantil,

---

contribuindo para qualidade no processo de alfabetização e, nas relações pessoais, no qual os alunos serão capazes de expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões.

Pois a leitura é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras situadas em outros tempos e lugares que não o seu. (BRASIL, RCNEI, 1988, p. 143)

## **UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A LEITURA**

Traçarei aqui uma breve análise do que é leitura, e qual sua importância Bamberger (2004, p. 10), nos remete a leitura em outrora, quando era considerada simplesmente como um meio de receber uma mensagem importante. Diferentes dos dias atuais, em que pesquisas nesse campo definiram o ato de ler, como um processo mental de vários níveis que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. E, que a leitura é de cunho social.

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da

linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGER, 2004, p. 11).

O que vai de encontro ao pensamento de Lajolo (2006, p. 11) afirmando que ninguém nasce sabendo ler, que aprendemos a ler à medida que vivemos nos bancos da escola convencional e na chamada “escola da vida”.

Para Lajolo a leitura é uma prática circular e infinita. A leitura, na concepção da autora, é uma fonte de prazer e sabedoria. Lê-se para entender o mundo, para viver melhor, pois quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê. O mesmo pensa Cagliari (2004), quando afirma que a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, pois a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido por meio da leitura ou fora da escola.

É possível perceber que na visão dos autores citados a leitura é uma prática social, que acontece em diferentes espaços, é sempre um meio e nunca um fim.

Nesse sentido, ler é dar resposta a um objetivo de uma necessidade pessoal, pois, fora da escola, não se lê para aprender a ler, lê-se para atender a uma necessidade.

---

Ler é, sem dúvida, um dos melhores meios de aquisição do conhecimento. Um bom leitor é aquele que compreende e interpreta que dá significado ao texto, é um movimento de interação das pessoas com o mundo e delas entre si. Sendo assim:

Na visão de Lajolo (2006), um leitor maduro é aquele que diante de um novo texto consegue dar um novo significado, afeta e redimensiona o significado de todos os outros que tenha lido.

Quando se fala em leitura, pensa-se de imediato em decodificar os códigos linguísticos que compõem a linguagem escrita convencional. O simples ato de ler vai muito, além disso, porque é um ato individual e interior que exige do sujeito leitor a capacidade de interação com o mundo, dar sentido ao texto e relacioná-lo ao seu contexto, a partir de uma necessidade, como citado.

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a “compreender” o mundo à nossa volta, no constante desejo de interpretar o sentido das coisas, de perceber o mundo sob diversas perspectivas interpretando-o e compreendendo tudo que se lê.

Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atitude de assimilação de

conhecimento, de interiorização de reflexão.

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura.

É a partir da Revolução Industrial que a leitura desenvolve uma prática social, de acordo com Zilberman (1988), e da implantação de um sistema escolar único e gratuito, o que aumentou o número de leitores de material impresso por torná-los aptos ao consumo de textos e, por propiciar maior quantidade de textos a esse público.

Assim sendo, a escola forneceu leitores para o mercado que gerou material para ser empregado durante a fase de escolarização - o livro didático - e, depois dela, assegurando seus efeitos ao longo do tempo.

Aos poucos a leitura foi se tornando de responsabilidade do leitor inferindo o ato de ler com seu próprio mundo e experiência pessoal, afirmando sua autoridade sobre o texto.

Ler sobre uma tela não é o mesmo que ler um livro impresso; há uma substituição da materialidade do livro pela imaterialidade de textos, perde-se o contato físico e íntimo com o texto no qual todos os sentidos do leitor participam do ato de ler. Por outro lado, o texto eletrônico permite que



---

o leitor interfira em seu conteúdo tornando-se um co-autor.

O leitor, diante da tela, pode intervir nos textos, modificá-los, reescrevê-los, fazê-los seus: ele torna-se um dos autores de uma escrita de várias vozes ou, pelo menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos recortados e reunidos. (CHARTIER,1994, p.103).

Zilbermam (2005), salienta que a “criança pequena é por natureza uma entusiasta pela leitura. Rodeada por letras, o fato da criança não saber decifrar as palavras impressas no livro não impede que pertença ao mundo da leitura. A leitura deve ser iniciada na vida da criança como um lazer, assim como um brinquedo, sendo um prazer, um desafio saudável, pois, assim, livros lidos na infância, permanecem na memória do adolescente e do adulto”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero que este artigo torna claro que a leitura é de cunho social e relevante para construção do indivíduo e, para seu desenvolvimento, no que se refere a educação, de acordo com embasamento bibliográfico pesquisado.

Nesse sentido, a pesquisa responde a questão norteadora, trazendo uma reflexão o que deve

ser feito mais, para que os alunos das séries iniciais sejam incentivados a leitura, tendo como objetivo, valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos e o incentivo à permanência ao hábito da mesma, desde a educação infantil contribuindo para o processo de alfabetização e letramento.

A família sempre que possível, deve incentivar seus filhos á leitura, mais é no âmbito escolar o incentivo deve se fortalecer, por meio de ações e práticas, ressignificando espaços e tempos na comunidade escolar e do entorno acompanhando a tecnologia, a partir da realidade do aluno, de modo que ele compreenda que há vários tipos de gêneros textuais, por meio de vivências pedagógicas.

E é na escola que as crianças encontram respostas vão encontrar para seus questionamentos. Pois, o papel da escola, vai além do domínio da leitura e do acesso ao livro. Portanto tem obrigação de criar condições para que a leitura cumpra seu papel na educação e na sociedade, segundo autores.

Nesse contexto, formar leitores começa antes da alfabetização, da decifração de códigos, no universo das letras, mesmo sem compreende-las, que se estende por toda vida escolar. Pois, é na infância que se forma um leitor”. Essa familiaridade do leitor com as letras e, com a obra, cria

---

uma predisposição para a leitura, desencadeando no aluno o gosto por ler.

Sendo assim, pretendo dar continuidade e me aprofundar nesse tema, pois acredito no professor em potencial, sobretudo, acredito no meu objeto de trabalho que é a educação, e no aluno.

## REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar O Hábito De Leitura**. São Paulo: Ática, 2004.

BARRUECO, Sônia Maria Ferreira; BARRUECO, Evillyn Ferreira. O Professor e o Hábito de Leitura. São Paulo 2012 in **Revista Direcional Educador – Incentivo à Leitura: Como lermos mais**.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

CUNHA, Maria Antonieta Nunes. **Literatura Infantil – Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1995.

HOFFMAM, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola. Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação 1996.

KRAMER, Sônia. **História de professoras – Leitura e Escrita e Pesquisa em Educação**. São Paulo: Ática, 1996.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, Leitura e Escrita – Formação de Professores em Curso**. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Moderna, 2005.

MEC / Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica – **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos**. Brasília – PDE/FNDE, 2009.

**REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL /** Ministério da Educação e do Deporto, Secretária de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária – Leitura e literatura na primeira infância**: São Paulo: Global, 2010.

ZILBERMAM, Regina. **Como e porque ler – A leitura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.



**Josenilde Soares Gueiros** - Graduada em Pedagogia pela Faculdade Santa Izildinha – 2013; Pós – graduada em Alfabetização e Letramento pela Universidade Nove de Julho; em Psicopedagogia pela Faculdade São Luis; Título de especialista em Aperfeiçoamento em Introdução a Psicopedagogia, e em Atendimento Escolar Especializado em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade São Luís; Professora atuante na Rede Municipal de ensino de Educação Integral e Tempo Integral, como Professora Orientadora de Sala de Leitura (POSL).

## A LUDICIDADE E A PSICOMOTRICIDADE PRESENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

LILIAN MULLER DA SILVA

### RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo discutir os conceitos de Ludicidade e Psicomotricidade envolvendo crianças da Educação Infantil e as possíveis implicações relacionadas ao desenvolvimento das mesmas. Além das inúmeras possibilidades, as brincadeiras e jogos podem ser também utilizados como forma de desenvolver a aprendizagem, onde é possível verificar que as crianças desenvolvem melhor aspectos motores, cognitivos e sociais, a partir dessa metodologia. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, a partir de levantamento bibliográfico a respeito do tema, discutindo sobre a concepção do lúdico como recurso psicopedagógico a ser trabalhado no desenvolvimento e aprendizagem de crianças da Educação Infantil, em especial que se encontram na faixa etária entre 3 a 5 anos, incitando reflexões sobre o papel do educador em sua prática na sala de aula.

**Palavras-chave:** Ludicidade. Psicomotricidade. Educação Infantil.

### INTRODUÇÃO

A Educação hoje em dia tem sido objeto de inúmeras discussões, dentre as quais está presente o trabalho do docente em sala de aula. No caso da Educação Infantil, questões relacionadas ao desenvolvimento psicomotor, estão cada vez mais presentes no cotidiano dessa fazer escolar, havendo a necessidade de discussão a respeito do tema.

Tanto a Ludicidade quanto a Psicomotricidade são consideradas dois fatores facilitadores para o processo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar, uma vez que se fundamentam e se pautam no desenvolvimento da criança, na qual elas participam e aprendem a lidar com o corpo em movimento.

Sendo assim, a Ludicidade e a Psicomotricidade permitem as educadores a construção de um

---

trabalho pedagógico completo e pleno. Esse tipo de trabalho possibilita a aquisição de conhecimentos e consequentemente o amadurecimento infantil. A Ludicidade auxilia a desenvolver o aspecto psicomotor, e nada melhor do que o brincar para desenvolvê-los nesta fase.

Assim, se faz necessário discutir o papel das brincadeiras e jogos utilizados na Educação Infantil, bem como a responsabilidade do docente ao longo desse processo.

## **LUDICIDADE E PSICOMOTRICIDADE CAMINHANDO JUNTAS**

Quando usamos o termo Ludicidade, logo nos remetemos a coisas do dia a dia, uma vez que desde os primórdios da humanidade ela está presente em nosso cotidiano. Quando falamos em Educação, ela está mais presente ainda uma vez que serve de instrumento facilitador do processo educativo.

O lúdico está presente não só no processo de ensino e aprendizagem, mas também pode fazer parte do resultado final. Jogos e brincadeiras propiciam o encontro da criança com o outro, estabelecendo relações de troca e autoconhecimento.

Uma atividade lúdica deve ser necessariamente divertida. Porém, o que caracteriza a Ludicidade em

si é a plenitude que ela possibilita a quem participa da mesma. Criatividade, criação, pensamento, tudo isso faz com que a criança se desenvolva por completo: “A brincadeira é atividade física ou mental que se faz de maneira espontânea e que proporciona prazer a quem a executa” (QUEIROZ, 2003, pg.158).

De acordo com Luckesi (2005), o lúdico está presente na vida da criança desde o berço. Brincadeiras com os familiares, pais, irmãos, e mais tarde com os colegas da escola ajudam a desenvolver as características psicológicas, psicomotoras e sociais desses pequenos indivíduos.

A Psicomotricidade está relacionada ao movimento e desenvolvimento do corpo, que podem ser trabalhadas também através de atividades lúdicas. O conhecimento vai sendo construído conforme a participação, integração e socialização que ocorre entre as crianças desse ciclo.

Fonseca (1998) definiu o termo Psicomotricidade como sendo um aspecto relacionado ao afetivo que desenvolve os movimentos, a disponibilidade tônica, a segurança gravitacional, o controle postural, a noção do próprio corpo, a lateralização e a direcionalidade essencial no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a psicomotricidade está relacionada a diferentes aspectos: cognitivos,

---

psicossomáticos, psicológicos, psiconeurológicos e psicoterapêuticos.

Ou seja, o docente deve incentivar e inovar nas brincadeiras e jogos, a fim de desenvolver diferentes competências e habilidades nas crianças desde cedo.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DOCUMENTAL**

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil discute sobre a utilização de jogos e brincadeiras: “Nesta modalidade de educação as crianças devem ser estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar as capacidades motoras, a fazer descobertas e a iniciar o processo de alfabetização” (RCNEI, 1998, p.32).

De acordo com Vygotsky (2011) os jogos e brincadeiras influenciam de forma significativa o desenvolvimento da criança, sendo necessária a intervenção do docente para mediar às regras e limites de cada um deles. Ainda segundo o autor, fazer uso de brincadeiras na Educação Infantil estimula avanços, no sentido de desenvolver a criança como um todo, o que para ele desenvolve ainda aspectos cognitivos, denominado de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZDP).

Outros estudiosos da Educação Infantil relatam que ao

aspecto psicomotor é contemplado em dois momentos distintos: na Educação Infantil inicialmente e na sequência nas séries iniciais do Ciclo I. Isso acontece porque as crianças nesta fase estão vivenciando inúmeras descobertas. O desenvolvimento infantil, em especial, ocorre entre 0 e 5 anos de idade. Inicialmente, a criança nessa fase começa a socializar com o mundo que a cerca, geralmente através da família e por meio de gestos. Na escola, essas relações sociais se ampliam, instigando a criança a realizar novas descobertas e descobrir realidades diferentes da sua.

O Referencial ainda trás reflexões a respeito do que aplicar como atividade corporal, observando as expressões da motricidade infantil, compreendendo o caráter lúdico. Ainda, trás considerações a respeito de aspectos mais específicos do desenvolvimento corporal e psicomotor (RCNEI, 1998, p. 39).

Por fim, para Fortuna (2011) utilizar o lúdico como estratégia de ensino é um desafio para o docente, pois, além de preparar o plano de aula, ele deve participar das brincadeiras junto com as crianças a fim de que ele possa dar o exemplo, observar as interações e as trocas de conhecimento, valorizando as brincadeiras no cotidiano das crianças.



---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documento chamado de Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), trás um referencial teórico a respeito dos conceitos, aplicação, avaliação e gestão da Ludicidade e Psicomotricidade nas escolas de Educação Infantil.

As brincadeiras e jogos auxiliam no desenvolvimento da criança, ampliando seus conhecimentos de mundo e socializando-a com as demais crianças da sua faixa etária, além de contribuir para a memória, a linguagem, a percepção, a criatividade e as diferentes competências e habilidades necessárias para desenvolver as estruturas psicológicas e cognitivas das mesmas.

Por fim, o documento aponta a necessidade de utilizar brincadeiras e jogos na escola, através de um viés educativo, onde o educando possa compreender o mundo que o cerca através de estímulos, desenvolvendo-se integralmente.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF,1998. v. 1 - 3.
- FONSECA, Vitor Da. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FORTUNA, T.R. **Formando professores na Universidade para brincar**. Petrópolis, Vozes: 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma aprendizagem a partir da experiência interna**. 2005.
- QUEIROZ, T. D. **Dicionário Prático de Pedagogia**. 1.ed. São Paulo: Rideel, 2003.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VYGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância**. Cap. 6. Pensamento e linguagem. 2011, p. 93-95. Versão para eBook eBooksBrasil.com. Disponível em: [www.jahr.org](http://www.jahr.org). Acesso em: 01 mar. 2020.



**Lilian Muller da Silva** - Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de São Paulo; Graduada em Pedagogia pela Faculdade Guaianás em 2016; Pós-graduada em Ludopedagogia pela Faculdade Campos Elíseos em 2018; e Licenciada em História pelo Centro Universitário de Jales.

## GESTÃO ESCOLAR: DIRETRIZES E PERSPECTIVAS PARA A GESTÃO DE PESSOAS

MAYARA SANTOS TEIXEIRA COSTA

### RESUMO

Este artigo faz uma análise e elabora as diretrizes da gestão de pessoas dentro do plano gestor escolar fundado em uma gestão democrática para a escola, esse modelo de gestão está presente nas principais Leis vigentes do Brasil e é a principal estratégia para a construção de um ambiente de trabalho que visa o desenvolvimento dos seus colaboradores e assim contribui para o crescimento da organização, escola. O objetivo deste trabalho é a elaboração desta dimensão do plano gestor através de um gestor líder que busca melhorar e motivar o trabalho desenvolvido no ambiente escolar. Trata-se de um estudo teórico documental com base nas principais Leis vigentes e autores acerca do tema. Dessa maneira, enfatiza alguns conceitos em relação aos temas abordados, sobre a história da gestão de pessoas ao longo dos anos até os dias atuais e quais são seus desafios na atualidade.

**Palavras-Chave:** Gestão. Plano Escolar. Gestão Democrática

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a importância da gestão de pessoas no plano gestor escolar baseado em um gestor líder e em uma gestão democrática para a Escola Particular de Educação infantil e Ensino Fundamental Saber Ser. Esse modelo de gestão está presente nas principais Leis vigentes do Brasil e é a principal

estratégia para a construção de um ambiente de trabalho que visa o desenvolvimento dos seus colaboradores e assim contribui para o crescimento da organização, escola.

A Escola Particular de Educação infantil e Ensino Fundamental Saber Ser, foi inaugurada em 2015, atende no período Integral está situada na

---

Avenida Mazzei, 352, Vila Mazzei-02310-000, Telefone (11) 3245-2214, São Paulo, SP. O público alvo é destinado a crianças e adolescentes de 02 á 15 anos. O entorno da Escola é composto por casas de classe média alta, onde possui grandes comércios que atendem às necessidades básicas daquela população. A maior parte das crianças atendidas pela escola fazem parte desse e dos bairros vizinhos.

A Escola Saber visa uma Educação libertadora e democrática nos processos de Ensino aprendizagem.

O atual gestor atua há 9 meses nesta escola e está em processo de elaboração do plano gestor da mesma, reconhece a importância do mesmo, o qual deve ser elaborado para atender as propostas pedagógicas e as legislações vigentes em nosso país como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases - 9394/96 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, mas, além disso, ser como um guia para o trabalho realizado pelo mesmo. Este trabalho focará na dimensão da gestão de pessoas do plano gestor.

O objetivo deste trabalho é a elaboração desta dimensão do plano gestor. De maneira a envolver e pensar nas pessoas como seres humanos e suas necessidades, levando em consideração a cultura e a vivência de todos que ali se encontram,

abrindo assim a possibilidade de construção de uma nova maneira de se pensar na escola e nos seus colaboradores e com isso facilitar, melhorar e motivar o trabalho desenvolvido nesse ambiente para todos os envolvidos, principalmente para equipe e para o gestor. Para isso, abordarei alguns autores e legislações vigentes para auxiliar na elaboração desta parte desse documento.

A escolha do tema surgiu a partir de uma análise da rotatividade, do baixo desempenho dos funcionários e alunos e da falta de motivação do antigo gestor junto aos donos e a supervisão da Diretoria Regional de Ensino. Notada a ausência do documento, o atual gestor foi orientado a elaborar o mesmo a partir do planejamento de gestão.

Cervi compreende o planejamento educacional como:

[...] Um exercício de simplificação da realidade no qual são tomadas decisões antecipadas sobre um futuro desejável, passível de acontecer, inclui um componentes de criação que deve ser realçado antes de qualquer outro. Assim, planejar é mais do que fazer previsões é mais do que ajustar meios e resultados predominantes. Planejar, na escola implica principalmente, criar soluções, tomar decisões, determinar a

---

saída de impasses e, sobretudo, projetar a evolução de propósitos (2013 p. 52)

Portanto, podemos verificar que planejamento é o fator essencial para a elaboração do plano gestor, pois ele é o que se espera e a realidade que temos para alcançar os resultados, através de um conjunto de processos que possam nos direcionar a esse fim.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este documento além de facilitar e subsidiar o trabalho da gestão escolar, pode ter prazo definido, podendo ser revisto pela gestão e pelos órgãos competentes toda vez que houver necessidade de melhorar o que está planejado ou de inserir novas ações para colaborar no processo de organização das atividades realizadas na escola.

## **GESTÃO ESCOLAR**

Primeiramente precisamos compreender o que é gestão. Sabemos que ela está presente em todas as organizações ou instituições públicas e particulares, o que se faz extremamente necessário no âmbito escolar. Para Cury (2005 apud Grochoska 2014, p.90) "[...] O termo gestão vem de gestio, que, por sua vez, vem de gerere (trazer em sim, produzir) ". Nesse contexto do autor, gestão é o ato ou ação de gerir, administrar e governar intencionalmente.

Para Ferreira (2003 apud Grochoska 2014, p.90) "[...] gestão é administração, é tomada de decisão, é organização, é direção. Relaciona-se com a atividade de impulsionar uma organização a atingir seus objetivos, cumprir sua função, desempenhar o seu papel".

Para Luck, gestão escolar se constitui em:

[...] Uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos. (2009, p.23)

É o gestor escolar o responsável por gerir o sistema educacional, o qual precisa ter uma visão de conjunto. Este sistema deve ser pautado em uma promoção humana que visa a participação de todos no processo: professores, alunos, comunidade e órgãos responsáveis, desde do planejamento até a execução.

Desta maneira, ele será capaz de construir uma escola junto a todos envolvidos neste processo,

---

atendendo seus anseios e suas necessidades.

De acordo Libâneo (2001, apud Santade, 2013) a função dos gestores educacionais é dirigir e coordenar o andamento dos trabalhos, o clima do trabalho, a eficácia na utilização dos recursos e os meios, em função dos objetivos da escola. Ainda segundo o autor “[...] a organização e os processos de gestão, incluindo a direção assumem diferentes significados conforme a concepção que se tem dos objetivos da educação em relação à sociedade e à formação dos alunos” (Libâneo 2004 apud Grochoska, 2013 p.92)

Liderança, responsabilidade, disciplina, decisão e iniciativa são características de um gestor, que desenvolve um ambiente prazeroso para aprender e visa o crescimento da escola e contribui para a formação dos alunos e colaboradores, a partir de uma gestão mais participativa.

[...]A possibilidade de uma gestão administrativa na perspectiva de construção coletiva exige a participação de toda a comunidade escolar nas decisões do processo educativo o que resultará na democratização das relações que se desenvolvem na escola. (HORA, 1994 p. 49)

A escola precisa dessa construção coletiva, na qual envolva participação de todos afim de praticar uma gestão

democrática onde seus objetivos estejam claros para os mesmos.

A gestão escolar democrática está presente nas principais legislações vigentes. A Constituição Federal de 1988, estabelece no seu artigo 206 (BRASIL, 1988), o qual é dedicado a educação, um dos princípios orientadores a gestão democrática dos sistemas de ensino público e a igualdade de condições de acesso à escola e garantia do padrão de qualidade. No artigo 3 e no artigo 14 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996) regulamenta a gestão democrática da escola, estabelecendo orientações para a organização do espaço físico, o trabalho pedagógico e a participação dos atores escolares, para a integração entre escola e comunidade.

O gestor escolar, através de uma gestão democrática participativa, tem a responsabilidade de provocar mudanças nas práticas pedagógicas que garantam a qualidade da educação ofertada objetivando atingir as metas estabelecidas, construir a identidade da escola de modo que respeite a identidade dos indivíduos que dela fazem parte.

## **PLANO GESTOR**

Plano Gestor, ou como nomeia Luck (2009 p.38) e alguns documentos oficiais, Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), é



---

o documento que facilita e subsídida o trabalho da gestão escolar, pois ele é o guia para o trabalho realizado pelo gestor, o qual contém todas as informações necessárias da escola, a visão, a missão, a forma dela trabalhar, qual concepção defende e quais objetivos almeja alcançar. Ele é único para cada estabelecimento de ensino pois leva em consideração a cultura e a vivência das crianças do bairro e da região que ali se encontram, abrindo assim a possibilidade de construção de uma nova maneira de se pensar na educação para aquele determinado público alvo e com isso facilitar e melhorar o trabalho desenvolvido no ambiente escolar para todos os envolvidos, principalmente para equipe docente e para o gestor escolar.

[...] A elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola representa para a escola um momento de análise de seu desempenho, ou seja, de seus processos, de seus resultados, de suas relações internas e externas, de seus valores, de suas condições de funcionamento.

A partir dessa análise ela se projeta, define aonde quer chegar, que estratégias adotar para alcançar seus objetivos e a que custo, que processos desenvolver, quem estará envolvido

em cada etapa e como e a quem se prestará conta do que está sendo feito. (BRASIL, 2006 p.10)

O primeiro passo para a elaboração deste é o planejamento.

Planejamento é uma ferramenta que traça um caminho a percorrer. Vasconcellos (2000, p.79) diz que: “[...] planejar é antecipar ações para atingir certos objetivos, que vêm de necessidades criadas por uma determinada realidade, e, sobretudo, agir de acordo com essas ideias antecipadas”.

Para Padilha:

[...] Planejamento é processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento de empresas, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinado (2001, p.30)

---

Portanto, podemos compreender que planejamento é o elo entre o que se espera e a realidade para alcançar os objetivos, para isso se faz necessário criar meios que possam nos direcionar a esse fim. O plano gestor está vinculado neste processo de planejamento e este é um dos fatores principais para a elaboração do plano gestor.

[...] O PDE pode ser considerado, assim, como um processo de planejamento estratégico que a escola desenvolve para a melhoria da qualidade do ensino. É elaborado de modo participativo com a comunidade escolar (equipe escolar, pais de alunos e outras partes interessadas). Define o que é a escola, o que ela pretende fazer, aonde ela pretende chegar, de que maneira e com quais recursos. É um processo coordenado pela liderada escola para o alcance de uma situação desejada. (BRASIL, 2006 p. 20)

Em outras palavras este é plano que gera condição para o gestor e todos os envolvidos, através do planejamento, refletir de qual maneira é possível alcançar os objetivos desejado para se obter um bom desempenho no que foi proposto, buscando equilíbrio entre meios e fins e visando a realidade vivida e as necessidades da comunidade escolar.

O gestor precisa ter responsabilidade para liderar, para desenvolver o PDE, para realizar a gestão de recursos financeira, gestão pedagógica, gestão de processos administrativos e a gestão de recursos humanos ou, como é chamado atualmente, gestão pessoas e todos estes estão presentes como dimensões no plano gestor.

## **DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA GESTÃO DE PESSOAS PARA O GESTOR ESCOLAR**

Como podemos observar o gestor escolar precisa ser um líder influenciador para alcançar objetivos da escola, desse modo as pessoas que ali estão são peças fundamentais desse processo, as quais conduzem o progresso da organização.

Todo esse processo estratégico tem relação com a dimensão de gestão das pessoas. Essa dimensão do plano gestor, a qual foquei neste trabalho, é fundamental para a qualidade da educação oferecida na escola Saber Ser, pois a relação que o gestor tem com os colaboradores e as condições de trabalho e satisfação dos mesmos é a base para obter os objetivos e resultado final da escola que é o ensino aprendizagem.

De acordo com Teixeira, Ribeiro:

[...] Gerir pessoas é como organizar um setor com base nas

---

potencialidades e zelar constantemente para que estas sejam mantidas, tendo a percepção de que elas são impulsionadas sincronicamente e conjuntamente. Não há como um colaborador se desenvolver sem que conheça os objetivos a serem alcançados. Ele precisa ser informado sobre isso e devidamente capacitado e amparado para buscar esses objetivos. (2017, p.80)

O gestor deve sempre buscar o seu progresso e aprendizagem organizacional para que possa desenvolver um bom relacionamento e comunicação com os colaboradores, compreender suas necessidades, deixar claro os objetivos que precisam alcançar e os resultados que precisam conquistar, proporcionando sempre que estes participem do processo de tomada de decisões.

Os cinco processos básicos de Chiavenato e os cinco subsistemas que destacamos no capítulo 3 fazem parte desse todo e são algumas das chaves para a estabilidade dos colaboradores. A motivação e o bom desempenho dos mesmos contribui para a formação da identidade da escola.

Esse é um dos desafios da gestão de pessoas, quando o gestor consegue trabalhar em conjunto e

consegue concretizar isso, que é fazer com que os colaboradores se sintam importantes e se sintam parte do organismo da escola, é estabelecido um clima de confiança e estes se sentem em um ambiente seguro.

Esse clima de confiança deve ser interno e externo, o que significa que quando a escola é vista de maneira positiva por todos os envolvidos, há contribuição para a cooperação e para o crescimento da organização.

Outro desafio importante que foi citado nos subsistemas é a avaliação de desempenho.

[...] Uma das técnicas de desenvolvimento profissional e que também propicia um clima mais favorável nas organizações, minimizando conflitos e neutralizando os conflitos [...] é a avaliação de desempenho.

Ferramenta de grande relevância, ela permite verificar como o colaborador está desempenhando suas atividades, o que melhor se adequa aos seus conhecimentos e à habilidades exigidas para o cargo. Também auxilia a empresa a descobrir as necessidades de melhoria. (TEIXEIRA; RIBEIRO 2017, p.132)

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho buscou-se analisar os aspectos da gestão de pessoas para o plano gestor que podem contribuir para o crescimento e desenvolvimento da escola Saber Ser.

Buscou-se com isso conhecer alguns conceitos embasados em autores especialista dos temas abordados, a história da gestão de pessoas ao longo dos anos até os dias atuais e analisar os seus desafios na atualidade e trazer isso para dentro da organização de uma forma positiva.

Com base nas pesquisas realizadas, podemos verificar a importância de um bom gestor para a escola. Este tem uma grande missão para com os colaboradores, através de uma boa relação com os mesmos e praticando uma gestão democrática, de maneira que estes se sintam parte do organismo da escola, sejam valorizados, sejam vistos, ouvidos, possam partilhar ideias, informações, experiências, tenham plena percepção do trabalho a ser feito, percebam a importância dos objetivos e metas estabelecidas pela organização e possam decidir juntos o melhor a ser feito para a organização e para os todos envolvidos no processo de educação: alunos, colaboradores, família e comunidade.

Através dos processos e subsistemas de CHIAVENATO, se faz com que a gestão de pessoas pense

nos colaboradores desde o recrutamento, as respeitando, desenvolvendo suas habilidades e pensando em como contribuir para que elas se sintam motivadas e queiram estar ali, trabalhando com entusiasmo.

Assim, elaborar essa dimensão da gestão de pessoas no plano gestor da Escola Saber Ser, baseando-se nessas diretrizes e aprimorando sempre esta dimensão, afim de estabelecer uma relação afetiva, entre todos, que contribua para o desenvolvimento e autonomia da organização.

## REFÊRENCIAS

- BEHNKE, Mônica Terezinha (Org.). **Gestão de Pessoas: artigos reunidos**. Curitiba: InterSaberes, 2014 p. 52-56.
- BRASIL. **Como elaborar o Plano de Desenvolvimento da Escola; aumentando o desempenho da escola por meio do planejamento eficaz**. 3ª ed. Brasília: FUNDESCOLA/ DIPRO/FNDE/MEC, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)> Acesso em: 20 jan. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.
- CERVI, Rejane de Medeiros. **Planejamento e avaliação educacional**. [Livro eletrônico]/ Curitiba: InterSaberes, 2013 p. 50-53.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração dos novos tempos: os novos horizontes em administração**. – 3.ed. – Barueri, SP: Manoele, 2014 p. 431 a 437.

---

DESSLER, Gary. **Administração de recursos humanos**. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003 p. 172.

GELATTI, Leticia Degrandi;  
MARQUEZAN, Lorena Inês Petrini.  
**Contribuições da gestão escolar para a qualidade da educação**. Revista Gest. Aval. Educ. Santa Maria, v.2 p.43-62.

GROCHOSKA, Marcia Andreia.  
**Organização escolar: perspectivas e enfoques**. -2.ed. rev - Curitiba: Intersaberes, 2013 p. 89-93.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola: Artes e ofícios da participação coletiva**. Campinas, SP: Papyrus, 1994 p. 45-51.

LUCK, Heloisa . **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009 p.23-24; 38-39.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001. p.30-36

SANTADE, Susimara. **O papel do gestor escolar na educação infantil**. Presidente Prudente: Encontro de Ensino, 2013 .

VASCONCELLOS, Celso dos Santos.  
Planejamento **Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. 7ª Ed. São Paulo: Liberdade, 2000, 2001 p. 79-80



**Mayara Santos Teixeira Costa** - Graduação em Pedagogia, pelo Centro Universitário Salesiano, em 2015. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.





## ALFABETIZAÇÃO DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

REGINA DA SILVA AGOSTINHO

RENATO SOUZA DE OLIVEIRA CARVALHO

### RESUMO

Nas últimas décadas as tecnologias digitais modificaram significativamente a estrutura social e conseqüentemente a vida dos seres humanos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) passaram a integrar o dia a dia dos sujeitos sociais, facilitando a vida dos mesmos. No âmbito educacional, a utilização das TIC's em sala de aula veio para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, encurtando distâncias, por exemplo, como é o caso da Educação a Distância (EaD) e também no papel de inclusão, voltado ao público alvo da Educação Especial. Por isso, a necessidade de discussão sobre o uso das TIC's e suas contribuições no desenvolvimento de alunos especiais, tema do presente artigo.

**Palavras-chave:** Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Estudantes com Deficiências. Ensino e Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, a chamada era digital surgiu de modo a facilitar a vida do ser humano, estendendo-se a diversos aspectos do seu cotidiano como: a aprendizagem, a educação, o trabalho, a pesquisa, a comunicação, entre outros aspectos. Segundo Couto baseado nas ideias de Soares:

O termo letramento

digital define-se como estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição do letramento dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. Com esse conceito está o de alfabetização digital, que tem a sua

---

especificidade. [...] esse termo pode ser utilizado para os alfabetizados e que alcançam o domínio dos códigos que permitem acessar a máquina, manuseá-la e utilizar seus comandos para práticas efetivas de digitação, leitura e produção de mensagens para efeitos de interação à distância ou para leitura de informação ou leitura e escrita de outras linguagens (visuais, sonoras, etc) (SOARES, 2002 apud COUTO, 2012, p.48).

terra, ao longo de toda a sua história. Desde um simples pedaço de pau que tenha servido de apoio, de bengala, para um homem no tempo das cavernas, por exemplo, até as modernas próteses de fibra de carbono que permitem, hoje, que um atleta com amputação de ambas as pernas possa competir em uma Olimpíada, disputando corridas com outros atletas sem nenhuma deficiência [...] (LÉVY, 1999 apud GALVÃO FILHO, 2009, p.38).

Sendo assim, do ponto de vista acadêmico este artigo se justifica pelo fato de que a utilização das TIC's em sala de aula veio para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, além de exercer um papel de inclusão, voltado ao público alvo da Educação Especial.

### **O uso das Tecnologias de informação e Comunicação (TIC's)**

Para a sociedade atual, as tecnologias compreendem recursos, equipamentos e/ou dispositivos que foram criados a fim de ampliar as capacidades físicas, mentais, e intelectuais do ser humano facilitando assim o seu dia a dia:

[...] as tecnologias estão presentes em cada uma das pegadas que o ser humano deixou sobre a

Geralmente, elas são utilizadas de diferentes maneiras e em vários ramos de atividades, destacando-se, por exemplo, nas indústrias de automação, no comércio, na publicidade, na comunicação e também na área da educação como é o caso da Educação a Distância. Segundo Oliveira et al. (2015), a principal responsável pelo crescimento e potencialização da utilização das TIC's foi a popularização da internet.

Para os autores, a utilização de recursos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem se faz cada vez mais necessária, pois o uso das TIC's tornam as aulas mais atrativas, proporcionando aos estudantes uma forma diferenciada de ensino.

---

No ambiente escolar as TIC's trazem uma perspectiva transformadora e determinante melhorando assim a qualidade do ensino, mas devemos considerar que há ainda alguns problemas associados à implementação e ao uso das tecnologias nas escolas. Segundo Imbérnom:

Para que o uso das TIC signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora, muitas coisas terão que mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas outras tantas escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da própria sociedade (IMBÉRNOM, 2010, p.36).

Ou seja, é preciso compreender que as tecnologias não são o ponto principal no processo de ensino e aprendizagem, mas sim uma das ferramentas que media as relações entre o docente, o estudante e o aprendizado, sendo essencial superar os velhos métodos para incorporar o novo.

### **Alfabetização digital e estudantes com deficiências**

No caso da Alfabetização Digital define-se esta por um conjunto de aprendizados que

envolvem os signos linguísticos, as linguagens verbais e não-verbais que envolvem as práticas de leitura e de escrita nas diversas ferramentas digitais. Trata-se, portanto, de uma forma de alfabetização a partir de recursos tecnológicos dentro de um contexto chamado Letramento Digital. O termo em si "Alfabetização Digital" frequentemente é utilizado para significar:

A aquisição de competências básicas para o uso de computadores e também das redes, conjuntamente com o objetivo de transformar através desses meios não somente os indivíduos, mas também a comunidade em que está interagindo com uma postura de responsabilidade e sentido de cidadania (TAKAHASHI, 2000, p. 31).

Uma das ferramentas ligadas à alfabetização e letramento digitais comumente relacionadas à educação inclusiva, são as Tecnologias Assistivas, pois, possibilita o trabalho docente com o estudante. Bersch discute sobre o tema, dizendo que:

Quando ela é utilizada por um aluno com deficiência e tem por objetivo romper barreiras sensoriais, motoras ou cognitivas que limitam/impedem seu acesso às

---

informações ou limitam/ impedem o registro e expressão sobre os conhecimentos adquiridos por ele; quando favorecem seu acesso e participação ativa e autônoma em projetos pedagógicos; quando possibilita a manipulação de objetos de estudos; quando percebemos que sem este recurso tecnológico a participação ativa do aluno no desafio de aprendizagem seria restrito ou inexistente (BERSCH, 2013, p.12)

Ou seja, além de facilitar o trabalho pedagógico, ela auxilia no desenvolvimento da autonomia desses educandos.

Sendo assim, os recursos disponibilizados para as escolas a fim de contribuir nos processos de inclusão e autonomia dos estudantes com deficiências estão dispostos na Portaria Normativa nº 13 de 24 de abril de 2007, trazendo o Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (SRM's), integrando o estudante ao ambiente escolar através de equipamentos de informática adaptados, mobiliários e materiais pedagógicos, baseados nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) tornando-se recursos que atraem, instigam e estimulam a aprendizagem:

...os ambientes de aprendizagem baseados

nas tecnologias da informação e da comunicação, que compreendem o uso da informática, do computador, da Internet, das ferramentas para a Educação a Distância e de outros recursos e linguagens digitais, proporcionam atividades com propósitos educacionais, interessantes e desafiadoras, favorecendo a construção do conhecimento, no qual o aluno busca, explora, questiona, tem curiosidade, procura e propõe soluções. O computador é um meio de atrair o aluno com necessidades educacionais especiais à escola, pois, à medida que ele tem contato com este equipamento, consegue abstrair e verificar a aplicabilidade do que está sendo estudado, sem medo de errar, construindo o conhecimento pela tentativa de ensaio e erro (ZULIAN e FREITAS, 2000, s/p).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização e letramento digitais como visto na literatura, são vertentes da linguagem não verbal que perpassam por todos os cenários que compõe nossa sociedade. A utilização das Tecnologias de Informação e

---

Comunicação é uma forma de contribuir para a inclusão e a participação efetiva dos estudantes, em especial os portadores de deficiência, na era da sociedade da informação e em particular no âmbito escolar.

Ou seja, esse tipo de alfabetização e letramento digital precisa ser ensinado nas escolas, cabendo ao professor utilizá-las como ferramentas, não tendo medo delas.

Quanto aos estudantes com deficiência, as TIC's em si são ferramentas poderosas para que eles se desenvolvam, aprendam e comecem a ter certa autonomia

## REFERÊNCIAS

BERSCH, R. **Introdução à tecnologia assistiva**. CEDI – Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil. Porto Alegre: 2008. Disponível em: Acesso em: 14 dez. 2019.

COUTO, M.E.S. **Alfabetização e letramento digital**. Estudos IAT, Salvador, v.2, n.1, pp. 45-62, 2012.

GALVÃO FILHO, T. A. **Tecnologia Assistiva para uma Escola Inclusiva: apropriação, demandas e perspectivas**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7 Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

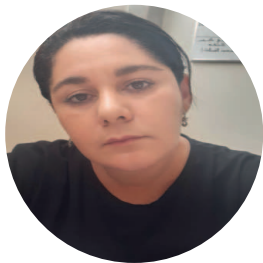
OLIVEIRA, C.; MOURA, S.P.; SOUSA, E.R. **TIC's na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do**

**aluno**. Disponível em: . Acesso em: 22 dez. 2019.

BRASIL. Portaria normativa nº 13. Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. Brasília: MEC. 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17430&Itemid=817](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17430&Itemid=817)>. Acesso em 26 nov. 2019.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

ZULIAN, M.S.; FREITAS, S.N. **Formação de professores na educação inclusiva: aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo**. Cadernos de Educação Especial / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação / Departamento de Educação Especial / Laboratório de Pesquisa e Documentação - LAPEDOC -. Vol. 2 (2001) - Nº 18 (2001) - 112 p. - Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2001/02/r5.htm>. Acesso em 14 dez. 2019.



**Regina da Silva Agostinho** - Licenciatura Plena em Pedagogia pela FAEP/ITEQ. Graduação em Gestão de Recursos Humanos pelo Centro Universitário UNIBTA. Pós-graduanda em Letramento Digital pela FAISP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo.



**Renato Souza de Oliveira Carvalho** - Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho; Licenciatura em Geografia pela Universidade de Guarulhos. Professor de Ensino Fundamental II e Médio e Professor de Ensino infantil e fundamental I na rede da Prefeitura Municipal de São Paulo.



## TEMPOS E ESPAÇOS NA PERSPECTIVA DO BRINCAR: AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PROTAGONISTAS DE SUAS AÇÕES

ROBERTA ISLEI DE OLIVEIRA SANTOS

### RESUMO

Os bebês e as crianças aprendem a brincar a partir de suas vivências e experiências e é por meio das brincadeiras que fazem parte do seu cotidiano que inventam e reinventam suas realidades. A análise do brincar na educação infantil será efetuada à luz da Resolução CNE/CEB nº 5/09 que indica o brincar e as interações como os pilares da ação pedagógica, assim este artigo busca apresentar o brincar como liberdade de criação por meio da organização dos tempos e espaços pensados de maneira intencional e flexível respeitando as escutas.

**Palavras-Chave:** Brincadeiras. Interações. Espaços. Tempos.

### TEMPOS E ESPAÇOS NA PERSPECTIVA DO BRINCAR: AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PROTAGONISTAS DE SUAS AÇÕES

As Diretrizes Curriculares de Educação Infantil asseguram o direito do brincar aos bebês a às crianças ao apontar como eixos norteadores das práticas pedagógicas as interações e a brincadeira (Resolução CNE/CEB nº 5/09) indicando que o brincar e as interações são indissociáveis.

O brincar permite que bebês e crianças expressem o que sentem e pensam sobre o mundo de uma forma própria. Por meio das brincadeiras, elas aproximam-se da sua cultura, criam e reinventam sua

própria realidade, fazem escolhas, tomam decisões, experimentam, investigam, exploram e descobrem o mundo. Nessa perspectiva, é necessário que todos os educadores compreendam o brincar como um direito da criança, e que as famílias recebam orientação sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil.

Conforme o Currículo da Cidade da Educação Infantil:

As interações e as brincadeiras devem compor o currículo e possibilitar

---

a realização de projetos pedagógicos que envolvam as diversas linguagens presentes nas experiências, sem separá-las, pois não é de modo fragmentado que os bebês e crianças aprendem, mas quando vivem uma situação de forma integral. (SÃO PAULO, 2019, p.68)

Portanto, as práticas pedagógicas da Educação Infantil não podem ser feitas de forma segmentada, mas devem ser pautadas nas necessidades dos bebês e das crianças, colocando-as no centro do seu processo de aprendizagem.

Durante a brincadeira os bebês e as crianças descobrem o mundo que as cercam e as linguagens do conhecimento perpassam toda a ação do brincar, pois quando exploram objetos, brinquedos, pedaços de madeira, potes, rolhas e outras tantas materialidades elas investigam, pensam, inventam, raciocinam, fantasiam e criam suas narrativas. Neste cenário, é preciso pensar em estratégias de como proporcionar ambientes que possibilitem aos bebês e às crianças vivenciar diferentes experiências

As UE devem motivar bebês e crianças para o protagonismo de suas ações, ou seja, os bebês e as crianças devem ser ativos e estar em constante atividades. O Currículo da Cidade da Educação Infantil

nos aponta o conceito de atividade que abranja corpo, mente e emoções de modo que as atividades indicam o que os bebês e as crianças estão fazendo com satisfação, desejo, envolvimento e participação. (SÃO PAULO, 2019, p.72)

A ação pedagógica não pode estar relacionada a atividades específicas de coordenação, de desenho, de raciocínio matemático ou de escrita sempre dirigidas pelos professores e professoras, realizadas geralmente na mesa e para preencher o tempo. Essas atividades precisam ter sua concepção ampliada e modificada para incluir no cotidiano dos espaços de Educação Infantil as brincadeiras, as interações e as múltiplas linguagens, tirando assim os bebês e as crianças de um lugar passivo, sempre à espera do adulto. Assim, não cabe impor o que será feito, mas dar condições e possibilidades de escolhas, aos bebês e às crianças, do que fazer.

Neste contexto, a organização dos espaços das UE deve ser pensada de maneira a ofertar um ambiente acolhedor e desafiador que desperte nos bebês e nas crianças a curiosidade, a exploração e imaginação e que proporcione as interações e desenvolva a sua autonomia. Sendo assim, os objetos e materiais devem ser componentes ativos no processo de aprendizagem e atuantes na valorização das culturas infantis.

---

Quando professores e professoras passam a considerar que a organização dos espaços e dos materiais constituem um ambiente de aprendizagem, quando se tem uma intencionalidade acerca das experiências e oportunidades que propiciam aos bebês e às crianças, o espaço passa a ser um importante elemento curricular. Portanto, um espaço bem organizado traz, a esses educadores, a possibilidade de observar os bebês e as crianças em situações espontâneas, de conhecer as suas preferências nas brincadeiras, de perceber suas interações estabelecidas, de planejar e reorganizar os espaços atendendo as necessidades do grupo.

A ampliação e organização dos espaços de aprendizagem qualificam o olhar atento dos professores e das professoras, mas, sobretudo, dão voz aos bebês e às crianças.

É importante que estes espaços estejam organizados na altura das crianças, que sejam coloridos dando vida aos ambientes, que tenham materiais de largo alcance que servem a muitas funções como panos, garrafas, latas, tampinhas, caixas de papelão, pedaços de madeira, potes de diversos formatos, caixas de ovos, rolos de papel, corda, barbante, elementos da natureza (folhas, areia, terra, gravetos) e que possam ser transformados pelos professores e professoras na organização dos ambientes ou pelos bebês e crian-

ças durante as interações e brincadeiras.

A falta de materialidades para explorar na brincadeira e a imposição do que é permitido utilizar nestes espaços empobrecem as experiências dos bebês e das crianças. Por isso, quanto maior o acervo de recursos a UE tiver disponível para os bebês e crianças usarem em suas brincadeiras, maior será o processo criativo a partir dos objetos.

É indispensável também que a organização do tempo nas UE seja pensada na perspectiva dos bebês e das crianças, em que suas possibilidades de aprendizagem e seus ritmos sejam respeitados, não tendo assim suas vivências interrompidas. Do mesmo modo, é fundamental potencializar o tempo de espera, pois ao determinar tempos iguais para todos, onde haja momento de espera para a próxima atividade do dia, pode desmotivar a curiosidade e descobertas inerentes a infância.

Ao enriquecer vivências diversificadas na sala de referência ou em outros espaços abertos e fechados, de forma dirigida ou livre os bebês e as crianças, como protagonistas de suas ações, gerenciam o seu próprio tempo. Dispor de um tempo mais longo, em ambientes com diversas materialidades, contempla aos diferentes ritmos das crianças e respeita a diversidade de seus interesses. O importante é que

---

estejam envolvidos no que estiverem brincando, pois assim estarão em atividade com o corpo, mente e emoção.

Qualquer que seja a brincadeira - de movimentos, de faz-de-conta, de papéis sociais - os bebês e as crianças estão sempre aprendendo, isso acontece porque observam outras crianças e as intervenções dos professores e professoras. As crianças não nascem sabendo brincar, elas precisam aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos e depois que aprendem, podem reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim, ela vai garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica. (KISHIMOTO, 2010)

Desta forma, é fundamental que os professores e professoras vão além da observação e da oferta de tempos, de brinquedos e objetos. Eles devem participar do brincar, não de modo que determinem como brincar, mas para incentivar os questionamentos e a busca das soluções de problemas. Da mesma forma, é preciso que promovam a ampliação de temas de

brincadeiras, à medida que o mundo é apresentado aos bebês e às crianças dando-lhes condições de repertório para novas criações no brincar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. – Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010.

KISHIMOTO, T. M (ORG.) Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento - Perspectivas Atuais**. – Belo Horizonte, 2010.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Infantil**. – São Paulo: SME / COPED, 2019. P. 68-123.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Padrões Básicos de Qualidade na Educação Infantil Paulistana: Orientação Normativa nº 01/2015**. Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo: SME/DOT, 2015.



**Roberta Islei de Oliveira Santos** - Licenciada em Pedagogia Plena pela Universidade de Mogi das Cruzes (2013). Pós-graduada em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016). cursando Segunda licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Educação Paulistana. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Rede Municipal de São Paulo.

## MINDFULNESS E A ANSIEDADE INFANTIL

ROSEMEIRE SANTOS DE DEUS LOPES

### RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da ansiedade de crianças e jovens que estão em fase escolar e como a escola pode auxiliar para que essa ansiedade ocorra de uma forma menos severa. Com a crescente pressão acadêmica que atinge as crianças desde o jardim de infância, resultando em menos tempo para brincar e artes, as crianças hoje enfrentam uma de estresse e ansiedade - 25% das crianças de 13 a 18 anos experimentam um transtorno de ansiedade de acordo com os Institutos Nacionais de Saúde Mental. Esses níveis iniciais de estresse podem afetar negativamente a aprendizagem, a memória, o comportamento e a saúde física e mental.

**Palavras-Chave:** Ansiedade. Escola. Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

O termo Mindfulness significa em inglês - atenção plena. Trata-se de um estado mental que caracteriza-se pela auto regulação da atenção para a experiência vivida no presente. Numa atitude aberta, de curiosidade ampla e tolerante, dirigida a todos os fenômenos que se manifestam na mente consciente. Todos os pensamentos, fantasias, recordações, sensações e emoções percebidas no campo da atenção, e aceitas como elas são.

O aprendizado desta atenção plena se dá por meio de técnicas de meditação em sua maioria das vezes, permitindo uma maior tomada de consciência de seus processos mentais e de suas ações em resposta a eles.

A atenção plena tem origem budista, mas atualmente está sendo empregada em várias formas de psicoterapias, terapias comportamentais dialéticas e outras. Sendo reconhecida pela ciência como poderosa ferramenta para reduzir o estresse.

---

Dentro da terapia cognitiva o mindfulness é muito utilizado no tratamento das recaídas de depressão. Ajudando o indivíduo a criar estratégias de atenção em relação aos seus pensamentos e sentimentos, com objetivo de aceitá-los como parte do fluxo humano. Fazendo assim, com que diminuam relativamente os pensamentos e sentimentos negativos e difíceis de sua rotina.

## **MINDFULNESS E A ANSIEDADE INFANTIL**

O objetivo da prática com crianças é justamente alterar a forma como se relaciona com os seus próprios pensamentos, que geralmente causam a ansiedade. Cabe também as crianças desta faixa etária, desenvolver a atenção plena do seu próprio corpo, assim como reconhecer sentimentos, emoções e pensamentos nem sempre compreendido por elas próprias.

A criança aprende a centrar-se no momento presente da sua experiência, notando sensações que surgem no corpo no momento da ansiedade.

Em vez de fugir, ou evitar a criança aprende a observar essas sensações, e encara-las de maneiras diferentes e mais naturais, sem sofrimento.

Esse reconhecimento e observação das sensações do corpo e pensamentos, em momentos de

ansiedade permitem a criança largar a sua sobre identificação com os pensamentos negativos, parando de lutar ou fugir, percebendo que são exageradas para a experiência presente. Permitindo uma maior regulação emocional da experiência, reduzindo os sintomas.

Em países como os EUA e Inglaterra, os médicos optam em terapias com mindfulness ao invés do gasto com medicamentos. Sendo essas muito mais naturais, e eficazes.

## **MINDFULNESS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR**

Para que o professor consiga fazer uso dessa ferramenta tão importante da atenção plena na Educação Infantil - Mindfulness, é importante que o mesmo tenha conhecimentos básicos das fases de desenvolvimento em que a criança se encontra, que referem-se as características específicas da idade. Os seis primeiros anos de vida das crianças, segundo a autora Mikaela Oven (2017, p. 67):

### **1 ANO**

#### **O Epicurista**

A criança sabe usufruir dos verdadeiros prazeres da vida. Adora a liberdade e a aventura. É muito agradável estar com ela. Gosta de se exibir e de se mexer, julga-se o centro do mundo. Por volta do 1 ano e meio começa a dizer não! Muitas



---

vezes até nas coisas que almeja. É nesta fase que os pais começam a disciplinar a criança para que seja educada nos moldes da sociedade.

## **2 ANOS**

### **O Rei**

A criança nesta idade continua a ver-se como o centro do mundo, adicionado a esse poder um forte sentimento de responsabilidade. É como se toda a existência da família dependesse dela. Esse pequeno rei passa a comandar, organizar e cuidar.

## **2,5 ANOS**

### **O Birrento**

O pequeno rei se transforma em birrento, podendo ser antes ou depois dessa idade. É mais uma fase de desenvolvimento do que uma idade específica, trata-se de um momento de mudanças. A criança quer manifestar a sua independência, mas sente-se inseguro na maior parte das vezes. É a fase do quer e não quer.

## **3 ANOS**

### **O Humorista**

Por volta desta idade, a criança entra novamente numa fase mais tranquila. Agora mais humorista, gosta de brincar, fazer asneiras e utilizar palavras como xixi e coco. Ele gosta de agradar, e

alguns tem amigos imaginários. A sensação de separação e independência cresce, assim como sua identidade se desenvolve. É importante a hora do sono nesta faixa etária, pois, se não houver existe grande possibilidade de irritações.

## **4 ANOS**

### **O Curioso**

Ele interessa-se pelas pessoas, pela vida e pelo mundo. É um curioso aventureiro. Tem uma grande imaginação e vê as coisas como ninguém vê. As capacidades mentais e de raciocínio se desenvolvem, e é possível manter conversas fantásticas. Suas emoções tem altos e baixos, e muitas vezes não entende o que sente. Pode começar a usar palavras feias, e a ser mal educado quando contrariado.

## **5 ANOS**

### **O Pacífico**

A criança normalmente volta a ficar serena, mais segura, harmoniosa e equilibrada. Começamos a ver uma pequena pessoa, que não se julga mais bebe. É amorosa, responsável e razoável. Sabe o certo e o errado, mas na lógica de uma criança. Faz reclamações dos colegas, gosta de brincar acompanhada, e já pensa sobre a vida e a morte.

---

## 6 ANOS

### O Complicador

Nesta idade começa uma era mais complicada, a harmonia e o equilíbrio parecem ter desaparecido, e tudo é mais confuso. Nesta idade da-se um grande salto do crescimento, e até o próprio corpo pode ser difícil de dominar.

A criança sente uma enorme necessidade de reconhecimento do mundo exterior, e o testa constantemente. Gosta de ganhar, podendo ficar aborrecida com as derrotas. As soluções que os outros encontram para os seus problemas, nem sempre servem. A vontade de ser independente é enorme. Questiona tudo e todos. Algumas crianças tornam-se muito agressivas nesta fase, já outras se reprimem. É uma fase crítica para o desenvolvimento da sua autoestima.

Segue aqui, alguns traços gerais do desenvolvimento infantil, mas que são próprios de cada criança, assim como de suas experiências. Ter uma base é importante, para que possamos observar o que distorce do comportamento da criança ansiosa, visando ajudá-la.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém vê o valor do controle de impulso de uma criança e da consciência focada tão

claramente quanto um professor. As crianças podem aprender a perceber distração, se auto - regular e se perguntar: “Do que eu preciso”?

A melhor maneira de implementar a atenção plena é de forma integrada ao aprendizado social e emocional. Se vamos para as escolas, precisamos ter certeza de que estamos ajudando as crianças a aprenderem melhor, e se a atenção plena puder ajudar com isso, ótimo.

Muitos especialistas acham que a melhor implementação da atenção plena envolve um professor que tem sua própria prática da atenção plena ou pelo menos um entendimento.

Quando o ensino da atenção plena é aceito e adotado, ele pode mudar o tom e o teor de uma escola, auxiliando as crianças para que não fiquem com transtornos de ansiedade.

### REFERÊNCIAS

MIKAELA Öven. **Educar com Mindfulness**. 2017. Editora Porto.



**Rosemeire Santos de Deus Lopes** - Graduada em Pedagogia pela Universidade Bandeirantes em 2009. Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade Mozarteum São Paulo em 2017. Pós Graduada em Arte e Educação pela Faculdade Alvorada Plus em 2016. Professora de Educação Infantil.



## A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NOS PRIMEIROS ANOS DA VIDA ESCOLAR

RUBIA MARA REQUENA DOS SANTOS

### RESUMO

De acordo com Bittinger (1999), Pires (2004) e Cameron (2003), o crescente interesse pelo ensino-aprendizagem da língua inglesa por crianças pequenas tem ocorrido por conta do processo de globalização e sua influência na vida das pessoas. Este trabalho tem por objetivo provocar uma reflexão sobre o aprendizado da língua inglesa nos primeiros anos da vida escolar e como o do lúdico pode proporcionar uma aprendizagem mais saudável e significativa. Os pais se preocupam em proporcionar aos filhos o necessário conhecimento e fluência na língua inglesa, o que, teoricamente, pode significar certa vantagem na conquista de melhores universidades e melhores empregos na fase adulta. Porém, existem problemas para que esse aprendizado ocorra como, por exemplo, poucos materiais didáticos direcionados às crianças e falta de qualificação dos professores para trabalhar com a dita faixa etária. Por meio de revisão de bibliografia já publicada sobre o assunto, analisaremos esses problemas.

**Palavras-chave:** lúdico. ensino. jogos. língua inglesa. crianças.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo, provocar uma reflexão sobre o uso do lúdico no ensino de língua inglesa para crianças nos primeiros anos de sua vida escolar e como a utilização de jogos e

brincadeiras diversas pode contribuir para a construção de uma aprendizagem diferenciada, prazerosa e mais significativa.

O jogo, geralmente, é apresentado como uma poderosa ferramenta de aprendizagem e de

---

comunicação, propiciando oportunidade de voz a todos na sala de aula. Também podem ser entendidos como jogos, atividades com músicas, brincadeiras, dramatizações, enfim, que envolvam o lúdico.

Nos nossos dias, a sociedade de consumo é movida pelos movimentos do mercado, com isso, a educação e seus conteúdos acabam tomando o mesmo caminho: são vistas como mercadoria. O conhecimento se torna um valor para o mercado de consumo e a pessoa com domínio de determinados saberes é valorizada e conseqüentemente, terá uma chance de obter um trabalho melhor. A aprendizagem de outro idioma, principalmente o inglês, acaba virando uma mercadoria que amplia o valor da mão-de-obra e aumenta as expectativas de um emprego melhor se tornando um diferencial para o mercado de trabalho.

Cada vez mais se defende a importância do ensino da língua inglesa nos anos iniciais, partindo-se do pressuposto que quanto mais cedo a criança entrar em contato com outro idioma, mais fácil e natural será sua assimilação.

A aprendizagem de um novo idioma cedo, na infância, possibilita um contato mais natural com a própria realidade multilinguística que encontramos no mundo. Graças à globalização, muitas crianças estão inseridas em um

contexto social que proporciona que ela tenha acesso à desenhos animados, programas de televisão e filmes infantis produzidos em diversos países e, portanto, com vários idiomas. Hoje, estes materiais são facilmente encontrados em canais de televisão a cabo ou mesmo na internet. Cabe aos pais escolher se é válida a exposição a esse tipo de material. Muitos deles acreditam que é importante estimular a criança assim.

É o objetivo principal deste artigo, propor uma reflexão sobre o papel das atividades lúdicas em aulas de língua inglesa para crianças nos primeiros anos de sua vida escolar.

O ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente da língua inglesa, está cada vez tendo mais destaque nas práticas educacionais no contexto de ensino brasileiro.

Uma das justificativas para o fortalecimento desse quadro é o fato da tecnologia estar cada vez mais acessível a todas as classes sociais e faz dessa língua um instrumento fundamental na participação social em nível global. Entende-se que é necessário aprender o inglês cada vez mais cedo. Sabe-se também que quanto mais cedo se inicia o aprendizado de um idioma, mais fácil é o seu aprendizado.



---

Partindo-se destes princípios, acredita-se que o aprendizado de um outro idioma deve acontecer cada vez mais cedo. Os pais, geralmente estimulam que a criança inicie esse aprendizado desde a mais tenra idade, seja assistindo programas de televisão educativos com a temática de idiomas, onde a criança aprende algumas palavras em inglês e vai, devagar, aumentando o seu vocabulário ou através de brinquedos e músicas que também ensinam poucas palavras e expressões como por exemplo os números e as cores.

À medida que a criança ingressa na escola, essa “cobrança” se intensifica. Infelizmente, na escola as brincadeiras começam a ser deixadas de lado, dando-se mais lugar ao aprendizado, ao “fazer lição” propriamente dito e isto é uma pena.

O ensino-aprendizagem das crianças não se dá da mesma forma do que um adolescente ou adulto. Para elas, é necessário que o aprendizado aconteça como se fosse “brincadeira”, utilizamos para isso, o lúdico.

Ao falar em lúdico, normalmente pensamos em uma atividade divertida, prazerosa, como jogos por exemplo. Essas atividades nos remetem a um mundo de “faz de conta”, de descontração. Este universo ajuda na compreensão da criança ao que se passa a sua volta.

Por várias razões, os jogos devem ser usados pelo ponto de vista da motivação e da linguagem. Observando os jogos o professor pode observar e reconhecer os diferentes tipos de alunos e de aprendizagem e como ele pode explorar as habilidades de cada criança. Por exemplo: durante uma atividade lúdica, os alunos são expostos a uma nova linguagem e, o trabalho em grupo, pede que a colaboração exista. Para alcançar seus objetivos é necessário que exista o respeito às diferenças e uma certa expertise para saber quais habilidades cada indivíduo tem para oferecer ao grupo no jogo, em prol de vencer a brincadeira.

Sabendo-se a importância dos jogos e brincadeiras para o aprendizado de língua estrangeira, fica no ar uma pergunta: por que os jogos não têm a atenção que merecem no aprendizado da língua estrangeira moderna?

As questões são: Como utilizar os jogos em sala de aula? Como fazer com que jogos sejam levados a sério e não vistos como enrolação e perda de tempo? Como eles devem ser introduzidos para que se alcancem os resultados esperados? Qual será o encerramento? Como ensinar à criança que não se pode ganhar sempre e que o importante é a competição?

Segundo Antunes (2003), os jogos precisam ser rigorosamente estudados e analisados para serem

---

de fato eficientes, porque aqueles que são ocasionais, usados como passatempo, e que não passam pela experimentação e pesquisa são ineficazes.

## **A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

O conhecimento é construído por meio de trocas que ocorrem no ambiente social. Para que tal ação ocorra, é necessário que a linguagem desempenhe o seu papel em ser o veículo condutor dessas trocas.

Vygotsky desenvolveu o conceito de ZPD (Zona Proximal de Desenvolvimento) que pode ser definido como a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela resolução independente de problemas, e o nível superior de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com pares mais capazes.

Ele deixa claro que a interação entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem é fundamental, pois é por meio dela que o aluno passa do desenvolvimento real, aquilo que ele pode fazer sozinho, para um nível superior de desenvolvimento potencial, aquilo que ele pode realizar em colaboração com o par mais capaz (BAQUERO, 2001 p. 97). Para Vigotsky, a aprendizagem na

criança ocorre antes no social, somente depois é internalizada.

A Aprendizagem Significativa, para Mizukami (1986), diz que o indivíduo é constantemente desafiado pela realidade e a cada um desses desafios ele deve responder de uma maneira original, ele acredita que dentro do Sistema Educativo como um todo, deverá implementar-se um clima favorável ao crescimento pessoal do aluno.

A educação deve assumir um caráter amplo e não se restringir às situações formais de ensino-aprendizagem. O papel do professor é fundamental, porque ele é o responsável pela mediação do conhecimento. Ele é o responsável pelo trabalho educativo e auxilia no processo da atividade crítica do aluno.

A teoria da aprendizagem de Ausubel (1982) propõe que os conhecimentos prévios dos alunos precisam ser valorizados, para que sejam capazes de construir estruturas mentais que permitam descobrir e redescobrir outros conhecimentos, tornando a aprendizagem prazerosa e mais eficaz. Ele propôs alguns princípios que deveriam ser seguidos pelos alunos para se conseguir uma aprendizagem significativa:

Conhecimentos prévios. Sua profundidade está na ligação entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios;

---

Atividades que consigam despertar o interesse do aluno. Quanto maior o interesse do aluno, mais interessado ele estará a absorver o novo conhecimento;

Clima harmônico entre aluno e professor. É essencial que o estudante veja no professor uma segurança e não um obstáculo na aprendizagem;

Atividades que permitam ao aluno opinar, trocar ideias e debater. O conhecimento deve ser construído pelos próprios alunos;

Explicar por meio de exemplos. Os exemplos são importantes para ajudar a contextualizar e entender a complexidade da realidade;

Guiar o processo de aprendizagem. Os alunos podem cometer erros, portanto, é função do professor supervisionar o processo e agir como guia durante ele.

A escola é um lugar onde o conteúdo é sistematizado e onde ocorre a apropriação do conhecimento. Uma aula realmente é considerada boa se houve aprendizagem. Nesse sentido, os jogos podem ser usados no aprendizado da língua inglesa, mas não sem acompanhamento, pois o lúdico sozinho não contribui para o aprendizado ele não basta para garantir um processo educativo.

## O LÚDICO

O conceito de lúdico, definido por Dantas (1998, p.111), é “a junção de brincar (forma livre e individual) e jogar (conduta social que supõe regras) com efeito prazeroso e alegre”.

Lúdico é a forma de desenvolver a criatividade e os conhecimentos por meio de jogos, música e dança. O intuito é educar e ensinar se divertindo e interagindo uns com os outros. Existem diversas modalidades como brinquedos, brincadeiras e jogos que vão acompanhando nossa trajetória de vida desde o nascimento até à terceira idade. O lúdico contribui para a nossa saúde física e mental de forma integrada. Ele traz, em geral, benefícios, conhecimento e diversão para todas as idades, além de dar oportunidade para o aperfeiçoamento de nossas qualidades e a superação de nossas dificuldades.

A atividade lúdica tem como objetivo a produção do prazer e da diversão. Nos jogos e brincadeiras as crianças desenvolvem a coordenação, a imitação introduz-se às regras, reforçam a atenção, a imaginação e a memória.

O lúdico, de uma forma geral, relaciona-se com o prazer, portanto a utilização de jogos pode ser um recurso útil para uma aprendizagem diferenciada e significativa. Diferenciada, porque dá aos

---

participantes outras posições em relação ao saber formal e significativo, porque os envolvidos podem reconhecer a língua inglesa como concreta, dentro de um contexto real.

O jogo é baseado nas ações da vida cotidiana como saber ganhar ou perder e administrar conflitos. É importante que fique claro para a criança que, mesmo perdendo, o verdadeiro valor está no aprendizado, na competição, interação com os colegas, respeito às regras, enfim, respeitar as regras do jogo.

Os jogos também têm a função de promover a alegria dentro do grupo. É uma ferramenta importante porque vai além de culturas, credos e etnias. Na prática, são acessíveis e as possibilidades de explorá-los são muitas.

O uso de jogos no aprendizado de língua estrangeira para crianças, permite a participação do imaginário infantil, por meio de símbolos dispostos intencionalmente, em espaços organizados para que, com a parceria do professor, aparecem como um recurso para a realização das atividades educativas. Para Rogers (1986) a aprendizagem é uma "insaciável curiosidade" ao ser humano e que a sua essência é o significado, o que significa que o foco está no processo e não no conteúdo da aprendizagem.

As atividades lúdicas proporcionam prazer quando executadas, ou seja, as crianças aprendem brincando e de uma maneira agradável.

Elas devem ser vistas como uma importante ferramenta na educação e um aliado eficaz no processo ensino-aprendizagem, pois ajuda a promover situações que levam a criança a estabelecer relações sociais com o seu grupo e estimula seu raciocínio no desenvolvimento de atitudes que exigem reflexão e, conseqüentemente, melhora seu desempenho escolar.

Trabalhar o lúdico no ensino da língua inglesa vem sendo a estratégia principal das escolas para obter resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem das crianças, pois os pais querem perceber os resultados, e, especialmente, ficam felizes ao perceber este conhecimento em seus filhos.

Vários autores e pesquisadores sobre os processos de aquisição da língua inglesa como segunda língua na infância vêm se apropriando, criando e incrementando metodologias para o uso do lúdico, segundo Maggioni uma oficina para o trabalho com a língua inglesa foi pensada de modo que fosse possível integrar os conhecimentos da sala de aula. Esta oficina proporcionará o aprendizado por meio de jogos,

---

artes e as suas possíveis criações e o trabalho com a informática.

O brincar é a principal atividade na vida da criança. A brincadeira deve ser vista como um elemento pedagógico indispensável no processo de formação da criança, pois ajuda a desenvolver suas potencialidades.

Por meio da brincadeira a criança pode criar e recriar seu mundo, desempenhar papéis sociais e estabelecer elos entre a fantasia e a realidade.

### **O LÚDICO NO APRENDIZADO NA LÍNGUA INGLESA**

De acordo com os PCNS, o trabalho educacional deve dar significado à realidade que o aluno conhece. Na concepção destes documentos, as aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos construídos por eles, num processo de articulação de significados (BRASIL, 1998, v. 1, p.33).

Ainda de acordo com os PCNs, o aluno construirá uma representação de si mesmo como alguém capaz quando a aprendizagem for uma experiência de sucesso. Do contrário, o ato de aprender poderá ser visto como uma ameaça e, como consequência, virá a manifestação

de desinteresse (BRASIL, 1998, p.38). O uso dos jogos educativos com fins pedagógicos é extremamente importante no processo ensino-aprendizagem, especialmente nas séries iniciais.

As atividades lúdicas estimulam as crianças a participar, a socializar e auxiliam na produção de conhecimentos, valorizando a participação do educando no seu processo de formação.

O jogo é um recurso que ajuda a ensinar, seu uso ajuda o desenvolvimento e educa de forma prazerosa. É importante que o professor saiba como propor e conduzir a atividade em sala de aula, pois um jogo não pode ser visto somente um tapa buraco, ele tem a sua função e seu objetivo.

O professor tem de deixar clara a intenção, os objetivos para a determinada atividade, tem de saber conduzir a turma para chegar no seu objetivo. Por exemplo: É diferente um jogo de adivinhação sobre palavras para enriquecer o vocabulário e uma música em que as crianças aprendem as partes do corpo. Cada atividade deve deixar claro as regras, quando se inicia, quando termina, quem será o “campeão”. Do contrário, as crianças perdem o ânimo quando o professor propor novamente a atividade.

O professor deve saber que os alunos aprendem aquilo que para eles é significativo. Por isso, a

---

passividade e a apatia, a indisciplina, podem ser sinais de desinteresse e atrapalham uma aprendizagem eficaz.

Geralmente, os jogos não requerem muito trabalho e são adaptáveis para todas as faixas etárias e níveis de conhecimento. Porém, há de se esperar um pouco de barulho e confusão, especialmente com grupos grandes.

Esse “problema” pode ser amenizado com planejamento das ações, organização e uma dose de paciência. Os jogos cooperativos, principalmente, despertam nos alunos um grande interesse, o que não pode ser interpretado como “bagunça”, descaracterizando todo um trabalho.

Precisa ficar claro para todos, pais, comunidade, gestão escolar, que a escola é lugar para estudar, mas também pode ser lugar para brincar, porque por meio da brincadeira pode-se aprender, e muito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao decorrer deste artigo, o objetivo consistiu em estimular a reflexão sobre a importância do lúdico para o aprendizado da língua inglesa para as crianças nos anos iniciais da escola.

Podemos afirmar que é por meio da aprendizagem significativa

explicitada por Vigotski e da cooperação e participação “do outro” que as crianças aprendem uma língua estrangeira.

A criança, principalmente nos anos iniciais, deve ter a oportunidade no seu meio social, seja na escola ou fora dela, de aprender por meio de uma forma agradável e prazerosa. Ela deve ter o direito de estudar e brincar ao mesmo tempo.

Nesse sentido as atividades lúdicas envolvendo jogos, desde que bem direcionadas pelo professor, podem auxiliá-las. Tais atividades devem ser planejadas com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem efetiva e de estimular a construção de um novo conhecimento para o seu pleno desenvolvimento.

É possível desenvolver uma forma colaborativa para aprender inglês por meio da interação social promovida por esse tipo de atividade lúdica, às crianças podem ter a oportunidade de expressar-se, usando regras, tomando decisões, promovendo a sua autonomia através do uso comunicativo da língua inglesa. O processo de ensino-aprendizagem deve ser mediado pelo professor, mas a criança precisa conseguir ser a protagonista do seu próprio aprendizado e a escola precisa ser desmistificada e aceitar que além de um lugar de aprendizado, pode



ser também um lugar para se brincar, sem perder os seus objetivos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 12a. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982. MATOS, F. G.- **Criatividade no Ensino de Inglês - a Resourcebook**, 2004.

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BITTINGER, J. M. **Teaching young children in a nurturing environment**. New Routes, n. 8, p. 36 -37, Nov., 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 297-315, jul./dez. 2013 313 Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual, Brasília: MEC/ SEF, 1998. 164p.

CAMERON, L. **Challenges for ELT from the expansion in teaching children**. *ELT Journal* - Oxford University Press, n. 57, p.105 -112, abr. 2003.

DANTAS, H. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.) **Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MAGGIONI, S. **Letramento Bilíngue (Português/Inglês) nos Anos Iniciais e o Trabalho Com O Objeto de Aprendizagem "Cartola"**, 2012.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

PIRES, S. S. Ensino de Inglês na Educação Infantil. In: SARMENTO, S. e MULLER, Vera (org.). **O ensino do Inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões**. Porto Alegre: APIRS, 2004.

ROGERS, C. **A Terapia Centrada no Paciente**. Lisboa Moraes Editores, p.380.1974.

\_\_\_\_\_. **Liberdade de Aprender em Nossa Década**, 2ª edição, Porto Alegre, Artes Médica, p.244. 1986.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 11

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. (Trad.) Paulo Bezerra. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 496 p.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. (Trad.) Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003, 311.



**Rubia Mara Requena dos Santos** - Bacharel em Gerontologia pela USP (Universidade de São Paulo), Pós-graduação em Língua Inglesa pela FAIARA (Faculdade Integrada de Araguatins), Licenciatura em Pedagogia pela FAPI (Faculdade de Pinhais) e Letras pela Unicastelo (Universidade Camilo Castelo Branco). Professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual e de Língua Inglesa na Rede Municipal de São Paulo.



## EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: SUBSÍDIOS TEÓRICOS E PRÁTICOS PARA JOGOS E DINÂMICAS EDUCATIVAS

VANDERSON CRISTIANO DE SOUSA

### Resumo:

São inúmeras as possibilidades de explorar os jogos educativos e as dinâmicas sobre Educação Ambiental em um ambiente escolar, principalmente o externo. O objetivo desse trabalho é compartilhar experiências de jogos lúdico-recreativos que abordem a biodiversidade dos seres vivos e que transmitam a ideia do uso racional dos recursos naturais por meio da integração de conceitos de várias áreas do conhecimento. As atividades aqui expostas promovem as práticas os 5 Rs – Refletir, Repensar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar – e amplia o conhecimento dos alunos em relação a classificação dos seres vivos e a empatia pelos mesmos. O contexto histórico e social da comunidade escolar sempre tem que ser pensado no desenvolvimento de tais atividades.

**Palavras-chave:** Educação ambiental. Jogos educativos. Interdisciplinaridade. Seres vivos.

### INTRODUÇÃO

As cidades estão sendo cada vez mais atópicas, desconsideram o ecossistema onde estão encravadas e várias sociedades, ao satisfazerem suas necessidades, criam tensões e conflitos quanto ao uso dos recursos naturais (BRASIL, 1997a; MENEGAT, 2004). O meio ambiente pode ser considerado como o conjunto de processos abióticos e bióticos existentes na Terra que sofrem influências da

ação humana, ou seja, o meio ambiente e sociedade encontram-se intimamente associados (SAITO, 2002; VELASCO, 2002). As questões ambientais precisam ser debatidas na escola, tais como as constantes ameaças aos diversos biomas do mundo, a perda da biodiversidade, os desafios da sustentabilidade, o aquecimento global, as transmissões de doenças, dentre outros. Nessa era da informática e da internet, em que os indivíduos têm um acesso a uma quantidade

---

enorme de informações, perde o sentido das atividades escolares serem meramente informacionais (RUSCHEINSKY & COSTA, 2002). No processo de ensino-aprendizagem os professores precisam ressignificar as informações diárias que os estudantes recebem, como aquelas que estão relacionadas com os termos da “ecologia”, fazendo que haja sentido em sua prática cotidiana (TRISTÃO, 2002). Entra em cena a Educação Ambiental, uma importante ferramenta educativa: “educação ambiental é a aprendizagem de como gerenciar e melhorar as relações entre a sociedade humana e o ambiente, de modo integrado e sustentável” (SÃO PAULO, 1999, p.16).

A educação ambiental, que pode ser considerada uma prática conservadora e utilizada em vários contextos, oferece uma contribuição muito grande ao processo educativo em geral e à formação de cidadãos mais conscientes do seu papel na sociedade, em relação aos outros e ao meio ambiente, respeitando as mais variadas formas de vida (TRISTÃO, 2002; TRIVELATO & FERREIRA SILVA, 2013). Duas grandes premissas são necessárias para as práticas de educação ambiental (CASCINO, 1999; FREIRE, 2001; FREIRE, 2003; MERGULHÃO & VASAKI, 2002): as ações educativas devem partir, em princípio, dos interesses e necessidades locais dos educandos, uma educação problematizadora, para depois

serem agregados os conceitos mais globais; começar a busca por resultados mais concretos e que se realizem em prazos menores. Tais premissas estimulam as pessoas a participarem mais das atividades, ficando engajadas pouco a pouco, até assumirem e perceberem de fato o seu papel na manutenção da qualidade de vida ao seu redor, pensando no local e no global.

Uma das ferramentas da Educação Ambiental, que pode ser utilizada em espaços abertos, é a utilização de jogos e dinâmicas que proporcionam um aprendizado que une a teoria e a prática. Tais atividades, ao serem aplicadas, propiciam ao professor a descoberta de outras habilidades e formas de inteligência de seus alunos, que podem passar despercebidas com as atividades diárias de sala de aula. Elas também ajudam a quebrar a ilusão de que as palavras evocam as mesmas imagens na cabeça do professor e dos alunos (FROTA-PESSOA et al., 1979).

Concordamos com as autoras Dias & Lopes (2208) e Kamii & DeVries (1980) a respeito das características dos jogos educativos: a) propor atividades desafiadoras e interessantes para os educandos; b) permitir que os próprios participantes possam se avaliar posteriormente; c) permitir a participação e integração de todos os jogadores; d) favorecer a espontaneidade e criatividade; e) facilitar a compreensão do

---

conteúdo a ser ensinado; f) suscitar a importância de cada um dentro da organização de que fazem parte; g) oferecer a oportunidade de viver situações diferentes; h) oferecer ao educador o conhecimento melhor do seu grupo.

O uso de dinâmicas e jogos educativos pode ajudar a resgatar o que a nossa sociedade tem perdido: a vivência, a oralidade e o coletivo. Ao enfatizarmos dinâmicas com histórias, propiciamos a capacidade de ouvir o outro, compartilhar, trocar ideias e colocar as práticas em ação. Muitas atividades enfatizadas aqui abarcam a questão da oralidade.

A realização desse trabalho baseia-se nas experiências do uso de jogos e dinâmicas realizadas durante as monitorias em uma trilha de educação ambiental, em eventos itinerantes educativos e capacitação de professores. Os conceitos discutidos nessas atividades são: a preservação do meio ambiente e da biodiversidade, o uso consciente da água, a relação natureza-sociedade, os 5 Rs e a pressão urbana sobre as áreas verdes.

Esperamos com esse trabalho promover um embasamento teórico para a promoção do uso de jogos e dinâmicas lúdicas que abordem elementos da Educação Ambiental nos espaços abertos / externos da escola. As praças e parques próximos da escola também podem ser utilizados para essas atividades.

Explanaremos algumas atividades, e esperamos que os educadores busquem outras e criem novas com os seus educandos no cotidiano.

## **Desenvolvimento das atividades**

A primeira atividade indicada é “O Gráfico da Biodiversidade”. Apresenta-se um gráfico dividido em porcentagens e que representa a diversidade dos grupos de organismos presentes em nosso planeta, porém, sem a indicação de correspondência dos grupos com as respectivas porcentagens. Os setores/fatias dos gráficos representam os vertebrados – mamíferos, peixes, aves; os insetos – abelhas, besouros; moluscos; dentre outros. Os próprios alunos completam o gráfico, colocando em cada fatia do gráfico o grupo de seres que melhor representa o percentual da divisão, conforme seus conhecimentos e as discussões realizadas entre ele. O professor conclui a atividade com os dados reais e realiza a discussão com os alunos. Como resultado final é comum que tal atividade cause certo espanto entre as crianças. A maior fatia do gráfico deve ser representada pelos insetos, que representam 71% das espécies (BRUSCA & BRUSCA, 2007). Em contrapartida, os mamíferos, com cerca de 4400 espécies descobertas, representam aproximadamente 0,32% da biodiversidade animal (STORER & USINGER, 1971). São envolvidos conceitos de Ciências, Geografia e

---

Matemática (porcentagens, frações e representações gráficas). Ao discutirmos com os alunos sobre a biodiversidade, sobre a classificação dos seres vivos, podemos trazer as seguintes discussões, apresentadas por Pardo Díaz (2002): o ajuste dos seres humanos com o seu meio; como estabilizar o uso dos recursos naturais; otimizar a consciência sobre a problemática ambiental; não colocar em risco a nossa própria sobrevivência como espécie, nem dos outros seres vivos e dos sistemas que nos acompanham. Tais dinâmicas nos auxiliam a romper o etnocentrismo.

A segunda atividade, “Dinâmica do Índio” envolve movimentos corporais, oralidade, musicalidade, preservação ambiental. A “Dinâmica do Índio” consiste em uma interpretação realizada pelos educandos a partir de uma história contada pelo professor. A percepção dos sentidos, como a audição, e os principais impactos ambientais realizados pelo homem em nossas matas, são os temas principais dessa atividade. O professor faz um círculo com as crianças e conta alguma história, música, conta ou lenda indígena. Ao contar para os alunos, eles têm que reproduzir os sons dos acontecimentos, dos elementos da natureza, utilizando as mãos, gestos, os pés, a boca. Por exemplo, sons de chuva, de passos, de pisadas no capim alto, em pedregulhos; sons de animais, como onças, pássaros. Ao

realizarmos a “Dinâmica dos Índios”, nas trilhas educativas ambientais, percebemos que muitas crianças se deparam pela primeira vez com brincadeiras desse tipo. Nos relatos finais, após a brincadeira, os alunos traziam indagações e reflexões sobre as ações do homem na natureza e sobre práticas e discursos de proteção das terras demarcadas, das áreas verdes e dos diversos grupos sociais. Outro ponto forte dessa dinâmica é que serve como importante elo para abordarmos a temática indígena. Explanamos como os índios respeitam a natureza e vivem em comunidades que são mais sustentáveis. Hábitos, objetos e alimentos que estão presentes no nosso cotidiano também podem ser mencionados aos educandos. As contações de histórias nas atividades de educação ambiental têm a função de desencadear os processos de descobertas nos alunos, além de propiciar a interdisciplinaridade entre as áreas de ciências e artes (PERALTA, 2002).

A terceira atividade aqui apresentada é a “Classificação dos Seres Vivos: quem sou eu”. Atividade que promove a integração entre os educandos e a indagação sobre a classificação dos seres vivos. Cada aluno recebe uma etiqueta adesiva com o nome de alguma espécie ou ser vivo do reino animal. A etiqueta tem que ficar na testa ou nas costas; pode se utilizar um crachá. O aluno não pode ler qual é o seu animal e para descobrir



---

precisa andar no meio dos outros alunos e perguntar sobre as possíveis características que o seu animal possa ter, por exemplo: “Tem pêlos?”, “Ele voa / tem asas?”. A resposta pode ser apenas “Sim” ou “Não”. A proposta inicial de tal brincadeira é que os alunos consigam acertar o seu ser vivo com questões que envolvam as características principais de cada grupo. A segunda parte da brincadeira, após todos descobrirem os seus animais, é o agrupamento entre os semelhantes. Apesar do aviso inicial e do constante reforço de que as perguntas só podem ser respondidas com “Sim” ou “Não”, as crianças acabam realizando indagações mais amplas sobre o seu animal, é preciso ajudar elas nesse momento. Observamos que as crianças costumam agrupar baseando-se em habilidades funcionais, como o fato de voar. Constantemente, ficam no mesmo grupo moscas, morcegos e aves. As crianças têm dificuldades para agruparem os morcegos dentro da classe dos mamíferos, bem como as lesmas junto com as lulas (moluscos), as cobras com as tartarugas (répteis), dentre outros. Após os agrupamentos realizados pelas crianças, explicamos os procedimentos como os cientistas classificam os animais, utilizando características físicas e genéticas. É pertinente frisar que a questão da utilização de materiais recicláveis para a confecção de jogos lúdicos pode ser trabalhada com esse jogo. Os nomes dos animais podem ser

escritos em crachás feitos a partir de caixas de suco ou de leite.

A quarta proposta de atividade é a “Trilha das Surpresas”, baseada em uma vivência apresentada por Cornell (2005). No ambiente escolar, o professor pode usar a área aberta: o pátio, o jardim, a horta, ou uma praça ou gramado do entorno da escola. São espalhados objetos que simulem seres vivos ao longo do caminho que podem ou não se confundir com a paisagem. Cabe aos alunos encontrarem esses artefatos e relatar ao final da “Trilha das Surpresas” quantos objetos foram avistados. O professor pode usar o chão, o gramado, os troncos, galhos das árvores, as folhagens em geral. Os professores podem confeccionar objetos que simulem animais ou comprar brinquedos de borracha de insetos, aracnídeos, cobras e ratos. Em nossas dinâmicas realizadas com as crianças, observamos que mesmo alguns objetos pouco escondidos, muitas vezes, passam despercebidos aos olhos do observador distraído. Assim como as atividades de campo, que trazem vantagens para o processo de ensino-aprendizagem, tanto nas dimensões cognitivas, quanto afetivas (MARANDINO et al., 2009), as atividades de educação ambiental aumentam a sociabilidade, a autoestima, a capacidade de trabalho em grupo. A “Trilha das Surpresas” permite que os estudantes percebam na prática, nos estudos dos meios, conceitos antes restritos apenas nas páginas

---

dos livros: mimetismo, camuflagem, evolução e adaptação dos seres vivos ao meio ambiente.

A quinta e última proposta de atividade aqui apresentada é a “Teia da Sustentabilidade”. É uma adaptação da dinâmica do barbante que é utilizada para a apresentação de pessoas. Os alunos formam uma grande roda e o primeiro aluno entrega o fio do barbante para outro aluno de sua escolha. O segundo aluno escolhe outro para levar o fio do barbante, e assim por diante. Forma-se uma rede, uma teia com o barbante. O professor tem em mãos 6 cartões: cinco cartões referentes aos 5 Rs - Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar - e um cartão Problema-Local. Cada criança ao receber o barbante escolhe da mão do professor, aleatoriamente, um dos cartões. Ao receber um dos cartões 5 Rs, o aluno deve apresentar alguma estratégia ou ação referente ao R sorteado que possa ser realizada no cotidiano. Ao receber o cartão Problema-Local, o aluno apresenta alguma situação problemática da comunidade. Em grupo, todos devem discutir uma solução para resolver a questão apresentada. Após todas as crianças participarem, e ainda com o barbante formando a “Teia da Sustentabilidade”, o professor promove a discussão sobre como as atitudes individuais interfere nas teias das relações socioambientais. Para isso, o professor pode pedir que um dos alunos puxe o barbante com força, as crianças próximas

que estão segurando o barbante vão sentir o puxão. O professor também pode pedir para que uma ou mais criança solte o barbante. A teia fica fragilizada, partes dela ficam frouxas, porque o barbante fica frouxo nesses trechos. A partir disso pode ser abordado o conceito pegada ambiental (o puxar o barbante); a perda de biodiversidade (o soltar o barbante). Por ser transdisciplinar e um tema transversal (BRASIL, 1997a), a educação ambiental acaba sendo uma área que conecta muitos conteúdos e saberes; os muitos saberes disciplinares, os conceitos, são entrelaçados, interligados, permitindo o livre trânsito entre os saberes, sem se reduzir a nenhum específico (TRISTÃO, 2002). A dinâmica “Teia da Sustentabilidade”, onde todos os alunos estão interligados, é uma metáfora dessa transversalidade. Visto isso, a educação ambiental articula o saber e o fazer, e a conexão entre as culturas com a valorização do respeito da diversidade cultural, social e biológica (TRISTÃO, 2002).

Além dessas atividades, todas colaborativas, também sugerimos a busca por jogos competitivos, pois, se bem conduzidas, elas estimulam a busca por respostas, e o ganho é a aquisição de conhecimento. Vale ressaltar a importância do educador em desenvolver uma postura nos estudantes sobre a importância da participação, muito mais que o simplesmente ganhar. Kamii & DeVries (1980) esclarecem que a

---

competitividade dos jogos difere da que ocorre no sistema socioeconômico. O importante, segundo esses mesmos autores, é que o professor mantenha a atividade organizada, e o ambiente favorável ao embate e à troca de ideias entre os jogadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As atividades educativas ambientais, como as propostas aqui, atingem vários dos objetivos propostos pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) relacionados ao tema Meio Ambiente e a Ciências da Natureza (BRASIL, 1997a, 1997b, 1997c): proporcionar possibilidades de sensibilização e motivação para um envolvimento afetivo; perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; conhecer e compreender, de modo integrado e sistêmico, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente; observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo reativo e propositivo para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida.

Há 30 anos, Frota-Pessoa et al. (1979) já faziam a proposta de uma nova “ecologia-escolar”, onde predominaria o uso de aulas menos

expositivas, havendo maior interação com os alunos. Ao ter realizado essas atividades como monitor, ficou claro o grande número de crianças, quer oriundas de escolas públicas ou quer de particulares, que experimentaram pela primeira vez as dinâmicas educativas. Nessas atividades percebemos a interação e cooperação entre as crianças e durante as discussões e buscas para a solução de problemas, muitas temas relevantes surgiram a partir indagações e interesse dos estudantes. A utilização de materiais recicláveis, para a produção de alguns desses jogos, reforça na prática um dos importantes discursos da educação ambiental: a reutilização de materiais.

A educação ambiental escolar pode ser orientada para uma concepção crítica sobre as decisões coletivas em relação às questões ambientais: a necessidade da busca coletiva de transformações sociais, onde a crítica se apoia em ações práticas, sendo estas orientadas por reflexões e ao mesmo tempo propicia novas reflexões (TRIVELATO & FERREIRA SILVA, 2013). A educação ambiental não pode ser inserida sem um debate, alheia às problemáticas das comunidades, precisa haver discussões, reflexão e criticidade (SAITO, 2002). A educação precisa ser dialógica (FREIRE, 2011; 2013), e a educação ambiental precisa incentivar as pessoas, os alunos, na busca constante por uma crescente

autonomia e pelo desenvolvimento social, cultural e econômico (SAITO, 2002). É o nosso anseio que as atividades apresentadas aqui possam servir como subsídio para a formação de multiplicadores de atividades lúdicas em todos os espaços escolares: pátios, jardins, hortas e em praças públicas próximas da escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde**. Brasília: MEC/ SEF, 1997a.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília : MEC/ SEF, 1997b.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. Brasília : MEC/SEF, 1997c

BRUSCA, R.C. & BRUSCA, G.J. **Invertebrados**. 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 968 p.

CASCINO, F. **Educação Ambiental: Princípios, histórias, formação de professores**. São Paulo: Senac, 1999. 112 p.

CORNELL, J. **Vivências com a natureza**. São Paulo: Aquariana, 2005. 204 p.

DIAS, C.J. & LOPES, P. **Compartilhar jogos e vivências: manual prático de intervenções grupais em educação, saúde, empresas e organizações sociais**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2008. 184 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo : Paz & Terra, 2013.

FROTA-PESSOA, O.; GEVERTZ, R.; SILVA, A.G. **Como ensinar ciências**. 3º ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. 223 p.

KAMII, C. & DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991. 356 p.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MENEGAT, R. **Ciência cidadã, democracia e territorialidade: por uma epistemologia urbana**. In: MENEGAT, R., ALMEIDA, G. (Orgs). **Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental nas cidades: estratégias a partir de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 289-300.

MERGULHÃO, M. C. & VASAKI. B. N. G. **Educando para a Conservação da Natureza – Sugestões de Atividades em Educação Ambiental**. EDUC, São Paulo, 2002.

PARDO DÍAZ, A. **Educação ambiental como projeto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERALTA, C. H. G. Experimentos educacionais: eventos heurísticos transdisciplinares em educação ambiental. In: **Educação ambiental: abordagens múltiplas** / RUSCHEINSK, Aloísio. (org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 105-126.

RUSCHEINSK, A & COSTA, A. L. **A educação ambiental a partir do Paulo Freire**. In: **Educação ambiental: abordagens múltiplas** / RUSCHEINSK, Aloísio. (org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p.73-90

SAITO, C. H. Política nacional de educação ambiental e construção da cidadania: desafios contemporâneos. In: **Educação ambiental: abordagens múltiplas** / RUSCHEINSK, Aloísio. (org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 49-60.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Conceitos para se**

---

**fazer educação ambiental.** 3. ed. São Paulo: A Secretaria, 1999 . Série educação ambiental. 116p.

STORE, T. I & USINGER, R.L. **Zoologia Geral.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. 757 p.

TRISTÃO, M. As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento. In: **Educação ambiental: abordagens múltiplas** / RUSCHEINSK, Aloísio. (org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 169-183.

TRIVELATO, S. F. & FERREIRA SILVA, R. L. **Ensino de Ciências.** São Paulo: Cengage Learning, 2013. (Coleção ideias em ação / coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho)

VELASCO, S. L. **Querer poder e os desafios socioambientais do século XXI.** In: Educação ambiental: abordagens múltiplas / RUSCHEINSK, Aloísio. (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 37-48.



**Vanderson Cristiano de Sousa** - Mestrado em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), possui graduação em Ciências Biológicas e Ciências Sociais, ambas pela USP. Professor de Ensino Fundamental e Médio em Ciências e Biologia na Rede Estadual e Municipal de São Paulo



# AUTORES PARTICIPANTES

## Organização:

Patrícia Tanganelli Lara

Vilma Maria da Silva

Arlete Nogueira dos Santos Braga

Geizibel de Cássia Caluta dos Santos

Glauca Borges de Paula Silva

Gildo Ferreira Santos

Josenilde Soares Gueiros

Lilian Muller da Silva

Mayara Santos Teixeira Costa

Regina da Silva Agostinho

Renato Souza de Oliveira Carvalho

Roberta Islei de Oliveira Santos

Rosemeire Santos de Deus Lopes

Rosimeire Coutinho Alves da Silva Sousa

Rubia Mara Requena dos Santos

Vanderson Cristiano de Sousa



ISSN 2675-2573



Edições  
Livro Alternativo

Revista **a EVOLUÇÃO**